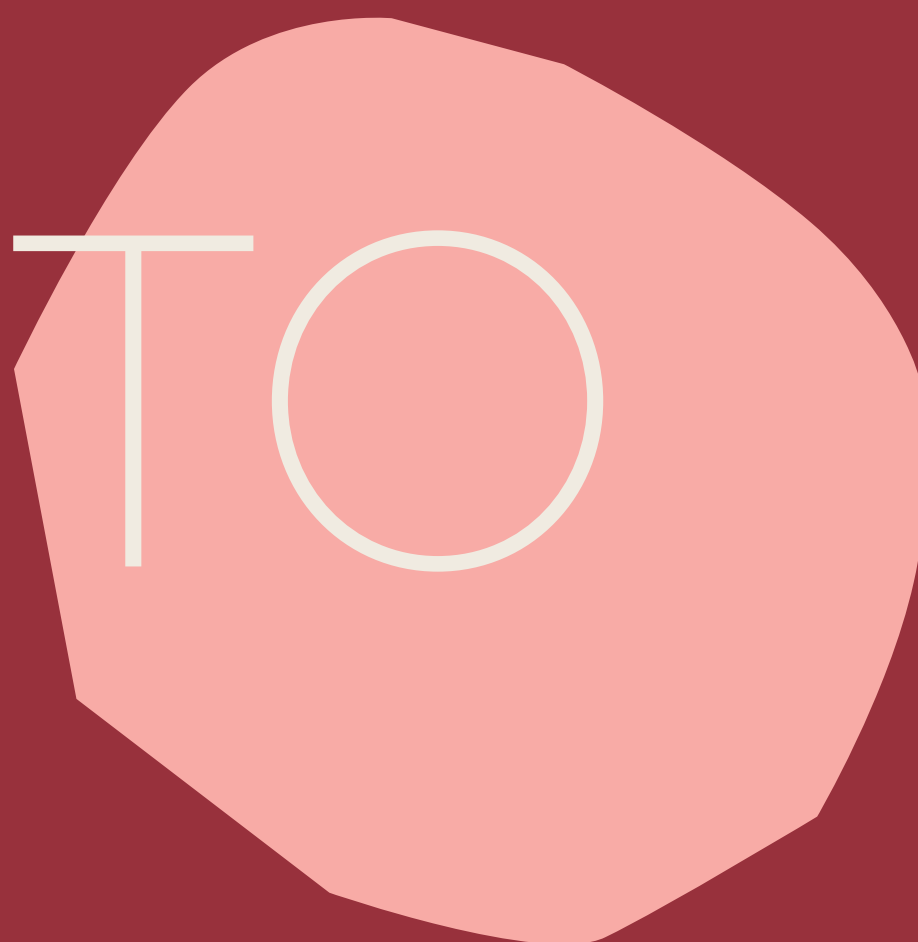




AFETO



BIANCA VICTORINO DA SILVA

Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"

Projeto de Conclusão de Curso
Design Gráfico
2022

AFETO

Bianca Victorino da Silva

Orientação: Cassia Leticia Carrara Domiciano

Silva, Bianca Victorino da.

AFETO / Bianca Victorino da Silva, 2022

64 f. : il.

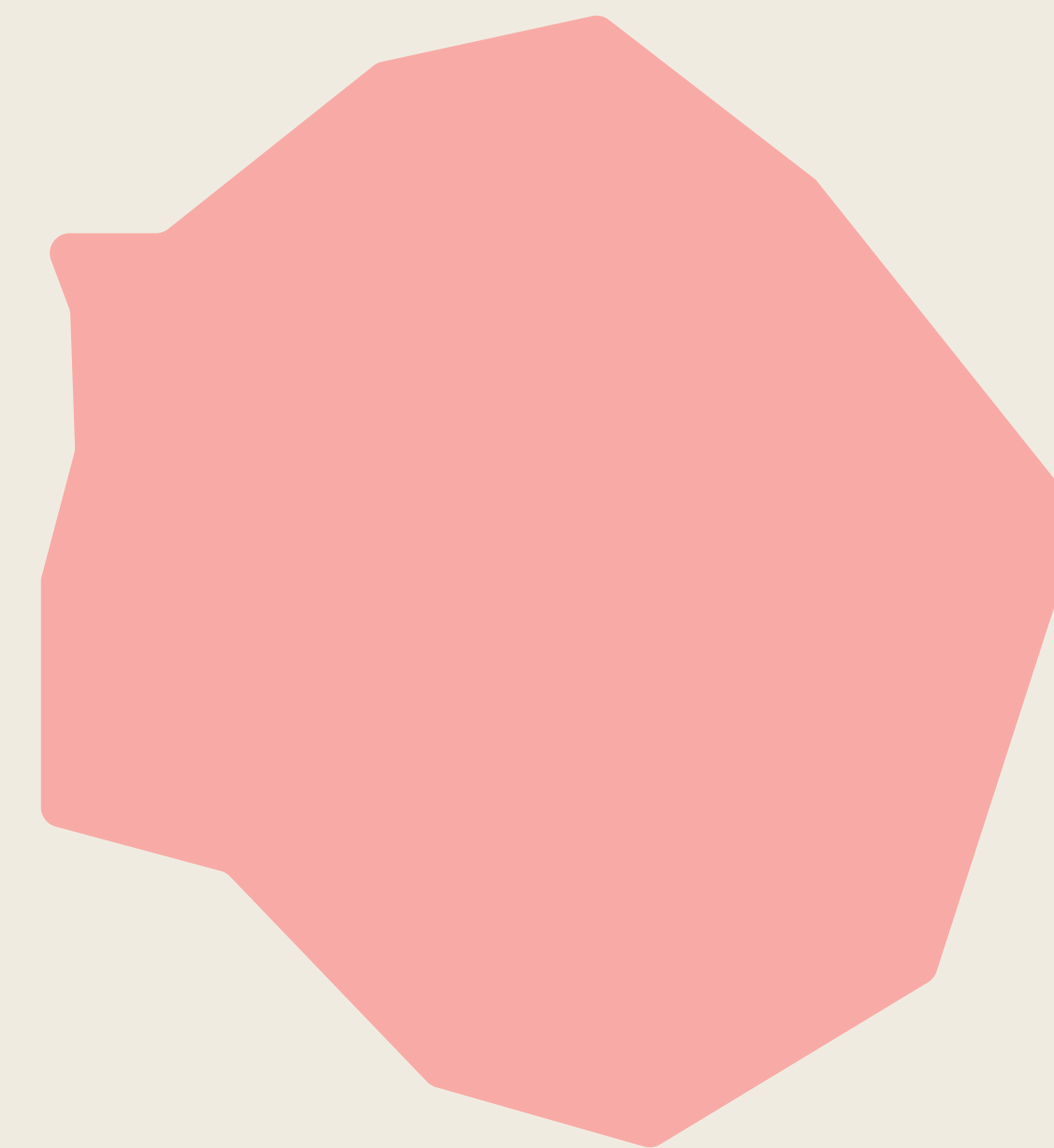
Orientador: Cassia Leticia Carrara Domiciano

Trabalho de conclusão de curso (Graduação)-
Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de
Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, 2022

1. Minorias. 2. Lésbicas. 3. Bissexuais. 4. Pessoas
LGBTQ. 5. Design. 6. Colagem. I. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação
e Design. II. AFETO.

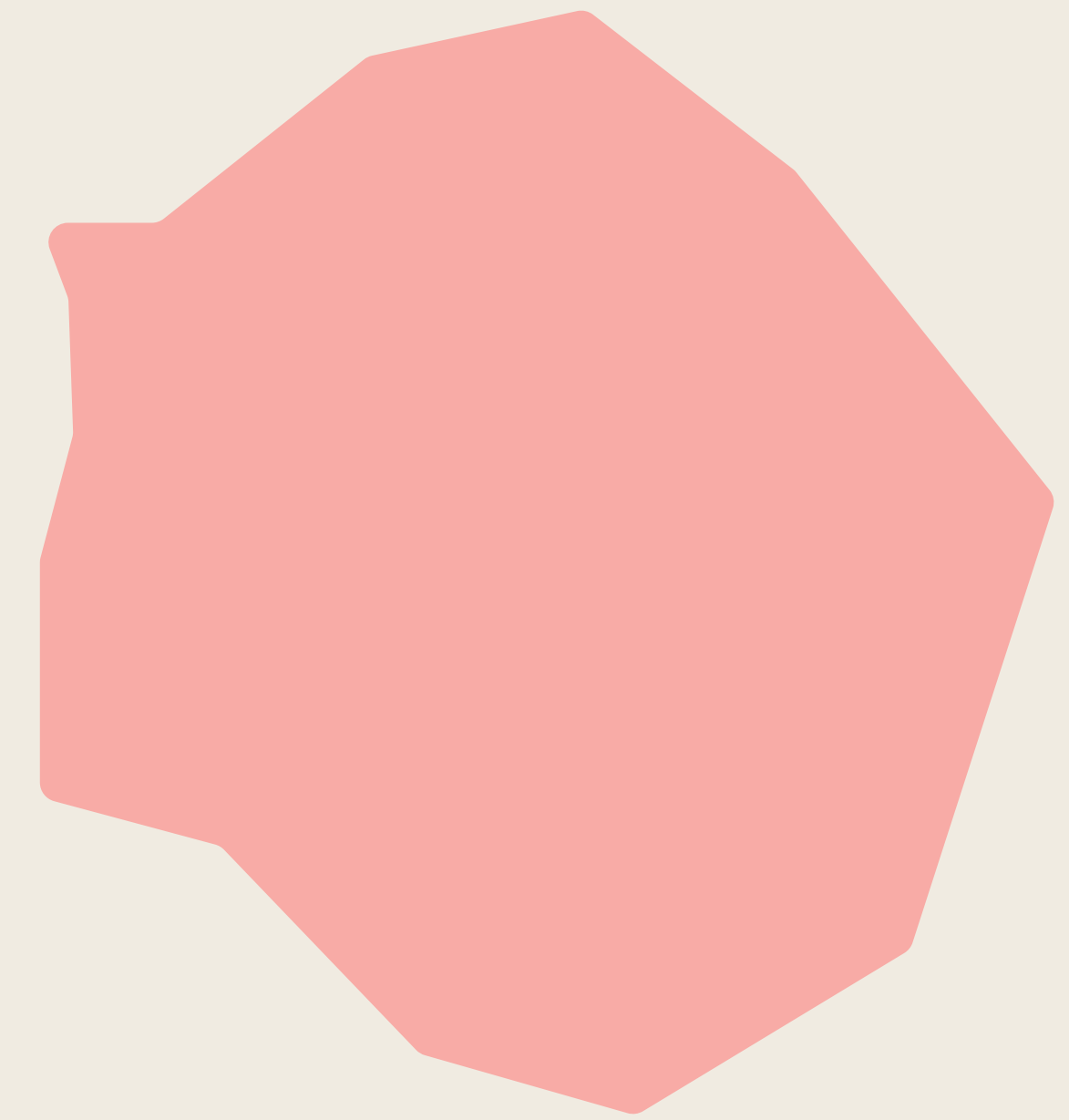
RESUMO

Esse projeto é composto por um livro impresso que contém os relatos de oito mulheres LGBTQ+ a respeito de suas vivências, descobertas e afetividade. Todos os relatos são apresentados em formato de história e ilustrados em colagens digitais.



ABSTRACT

This project consists of a printed book which contains the accounts of eight LGBTQ+ women about their experiences, discoveries and affectivity. All reports are illustrated in digital collages.



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, obrigada a todas as mulheres que toparam participar deste projeto. Ele não existiria sem vocês. Obrigada pelas conversas, pela troca e a chance de ter as conhecido um pouco melhor. Vou ser pra sempre grata.

À **Unesp**, obrigada por todas as pessoas que me trouxe e todas as experiências que vivi. Quando penso nos anos de graduação em Bauru, fico feliz com a certeza de que aproveitei muito do que podia - mesmo com aquela sensação de que poderia ter aproveitado mais. Mas eu não mudaria nem um segundo sequer dessa jornada. A Bianca que pisou no câmpus pela primeira vez alguns anos atrás não é a Bianca que sai hoje - mesmo que à distância - e ainda bem! Os sentimentos que ficam são gratidão e saudade.

À **Cassia**, obrigada não apenas por ter aceitado me orientar neste projeto, por toda a ajuda nas nossas reuniões, pela compreensão, empatia e pelas sugestões mais do que necessárias. Mas obrigada, principalmente, pelas aulas tão dedicadas e pela oportunidade que me deu de participar do projeto de extensão que estava nos meus objetivos desde o começo do curso, uma experiência extremamente importante para mim.

Ao meu amigo **Luiz**, poderia ocupar todas as páginas desse relatório com os meus agradecimentos à você e ainda assim não seriam o suficiente. Obrigada por tudo! Por ter sido a pessoa que me acolheu assim que cheguei em Bauru e por ser a pessoa que ainda me acolhe sempre que preciso. Esse projeto também não existiria sem você, obrigada por todas as conversas, os conselhos, opiniões e sugestões. Te admiro e te amo todos os dias.

Karen, Nina, Shiro, Cenoura, Lala, Fecury, Vitor, Júlia, Nati e todos os amigos que fiz na Design Júnior e Inky Design, obrigada pela oportunidade de ter compartilhado os dias com vocês na Unesp e na vida. Não seria quem eu sou se vocês não tivessem cruzado o meu caminho, aprendi demais e vou ser pra sempre grata por todos os nossos momentos.

Aos amigos que moraram comigo na Bastilha ou no Apt. 84B. Em especial: **Maiara, Leonardo Marques, Leonardo Gigioli, Thiago, Sofia e Renan**. Mais um parágrafo de agradecimentos que poderia se transformar nesse relatório inteiro e ainda não seria o suficiente. Obrigada pela parceria que tivemos todos os dias que passamos juntos, pelas risadas, pelos choros e desabafos, pelas festas e pelos momentos que estivemos juntos

até sem fazer nada - simplesmente porque gostamos da companhia um do outro. Obrigada por todas as vezes que vocês transformaram o meu quarto em sala, ter todos ali sempre me enchia de luz. Sou muito sortuda por ter encontrado vocês e por tê-los comigo, vocês fizeram a minha vida ser mais leve até nos momentos mais difíceis. Carrego no meu coração todos os momentos que vivemos juntos.

À **minha mãe Luciana, minhas tias Juliana, Mariana, Susana, meus avós, meu tio Nelson** e à minha família. Obrigada pelo apoio durante os anos de graduação e por terem acreditado em mim quando disse que queria estudar para entrar em uma faculdade pública. Sei do privilégio que tenho por estar apresentando um trabalho com esse tema e ter o apoio e a presença de vocês.

Por fim, obrigada a todos que em algum momento tenham cruzado meu caminho durante os anos que vivi na Unesp e em Bauru. Mesmo que não estejam citados aqui, todos foram muito importantes na minha jornada e agradeço do fundo do coração por tudo que pudemos compartilhar juntos.



AMOR



com alguns caras que a
mas eles queriam fazer com
ria. Um dia fui para uma festa
prova lá, eu estava em outra cidade e logo
nha casa, então ninguém ia saber de nada, pedi
pra ela ir no banheiro comigo e lá nos beijamos.
Me senti muito mal, falei que isso era errado e sai.
Isso se repetiu várias vezes, sempre pedia para as
garotas irem pro banheiro comigo, não sei o que
eu tinha, era uma questão de autoaceitação, a gente
cresce com uma homofobia internalizada. Demorou
pra primeira vez não ser no banheiro. Sinto muito pelas
mulheres que beijei, imagino o que elas podiam pensar,
tinha vergonha delas ou coisa do tipo, mas era algo
Eu me sentia muito acuada e com vergonha de
ra os meus amigos.
Na época não ficava com ela na frente dos
nseguiu me assumir pra eles, demorei
mente poderia ter sido mais rápido se
era muito amiga de umas garotas
masino médio e quase todas
só focava em sobreviver
aram para me aceitar
para me aceitar
você junta
te que
r e

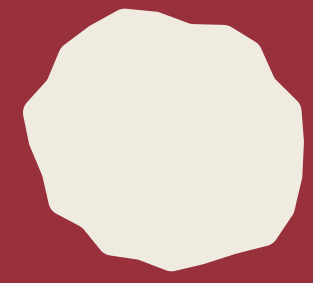
EUSEI QUE A GENTE NÃO É

me tranquilizava, mas não queria
seja tranquilizada, acho que é um
muito medo. Acho que é um medo
tenha medo, mas eu sei que a gente não
amigas, mas eu sei que a gente não
Ano passado, quando estava perto do
chamar ela pra vir pra cá e a casa surtou. Eu e meu
falando que não tinha nada a ver e que ela poderia vir, mas
minha mãe brigou tanto comigo que desisti de chamar. Minha mãe tinha
tempo, mas depois disso ela veio e eles a conheceram. Minha mãe tinha
um pé atrás, ela perguntou pra uma amiga minha se ela achava que
minha namorada gostava mesmo de mim. Ela tinha bastante receio ou
talvez ciúmes, quando ela conheceu minha namorada melhorou, hoje
está tudo bem. Meu pai tentava não falar na minha cara, mas minha
mãe me contou que ele queria esconder se era uma fase. É horrível ter que
esconder isso, não queria esconder nada da minha família, por isso era
tão ruim pra mim. Ter minha namorada aqui em casa é um privilégio
muito grande, poder ser quem eu sou, não precisar esconder nada e
fingir ser outra pessoa. É uma sensação libertadora.

isso pra mim. Hoje estou em um rela-
mas a minha sexualidade foi algo que
muito tempo da minha vida. Sempre
mens e nunca dava certo. Eu percebia um
um momento onde eu não conseguia mais
do "Será que o problema sou eu?".
ente em vários aspectos, nunca tive uma tribo.
convivia com pessoas muito diferentes, talvez
dentro de uma caixinha que fosse confortável
e verdade é que precisamos estar confortáveis
ou projetava o que não estava bem aqui dentro,
bia em lugar algum. Quando me permiti viver e
tualidade, senti que finalmente tinha encontrado
sei quem eu sou e vi ela pela primeira vez, eu fiquei
minha noiva e eu estava em um relaciona-
do universo falando "Vamos pensar na sua
30 anos ignorando ela". Eu me abri e foi
na época, eu estava em um relaciona-
em, pensava que não podia jogar
as e se não fosse loucura?
tava viver aquilo e me
da. E foi incrível,
amar com ela.
u pensava
saído
?



Quando você escolheu
se fosse eu escolheria
tive coragem, foi libertador.
Eu contei primeiro pro meu pai, sabia
dele me amar e me acolher. Mas o que ele falou
vou perder a minha filha por causa de um preconceito". Falei pra ela que
tivesse morrido "Minha garotinha, minha menininha". Falei pra ela que
sou a mesma pessoa que ela havia criado, o fato da minha sexualidade
ser diferente do que ela entendia não significava que eu mudei, o que
mudaria talvez fosse a forma que ela me via, isso é algo que ela teria
Depois disso não conversamos sobre isso. Mas ela se abriu, enten-
deu que pela primeira vez na vida eu estava muito bem resolvida e
não precisava da aprovação dela. Entendeu que se ela não me apoiasse
ou me respeitasse eu iria me afastar, e ela não queria me perder como
filha, então acabou me aceitando.
Sempre fui muito ligada à minha família, ao mesmo tempo que
estava muito segura e sabia que não precisava da aprovação deles, não
queria que virassem as costas pra mim, sabia que seria emocional-
mente difícil. Meu irmão mais velho foi a pessoa mais importante
nesse processo todo, ele me apoiou muito.
Fora minha família, minha melhor amiga foi uma pessoa
extremamente importante. Quando eu contei pra ela
sobre estar apaixonada, ela me falou que já era
tempo de eu me abrir pra isso.

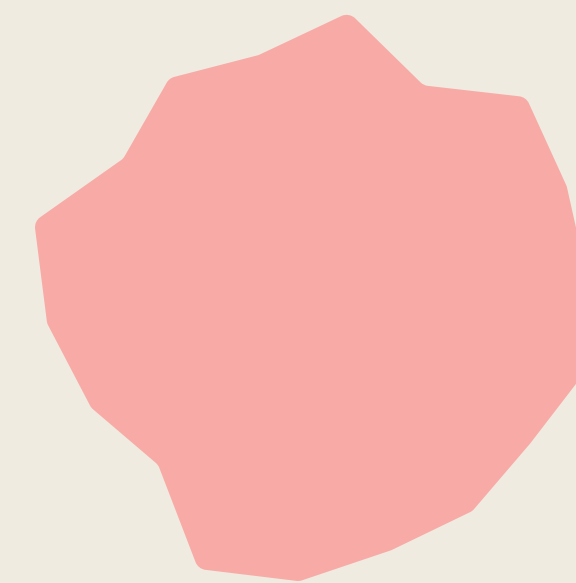
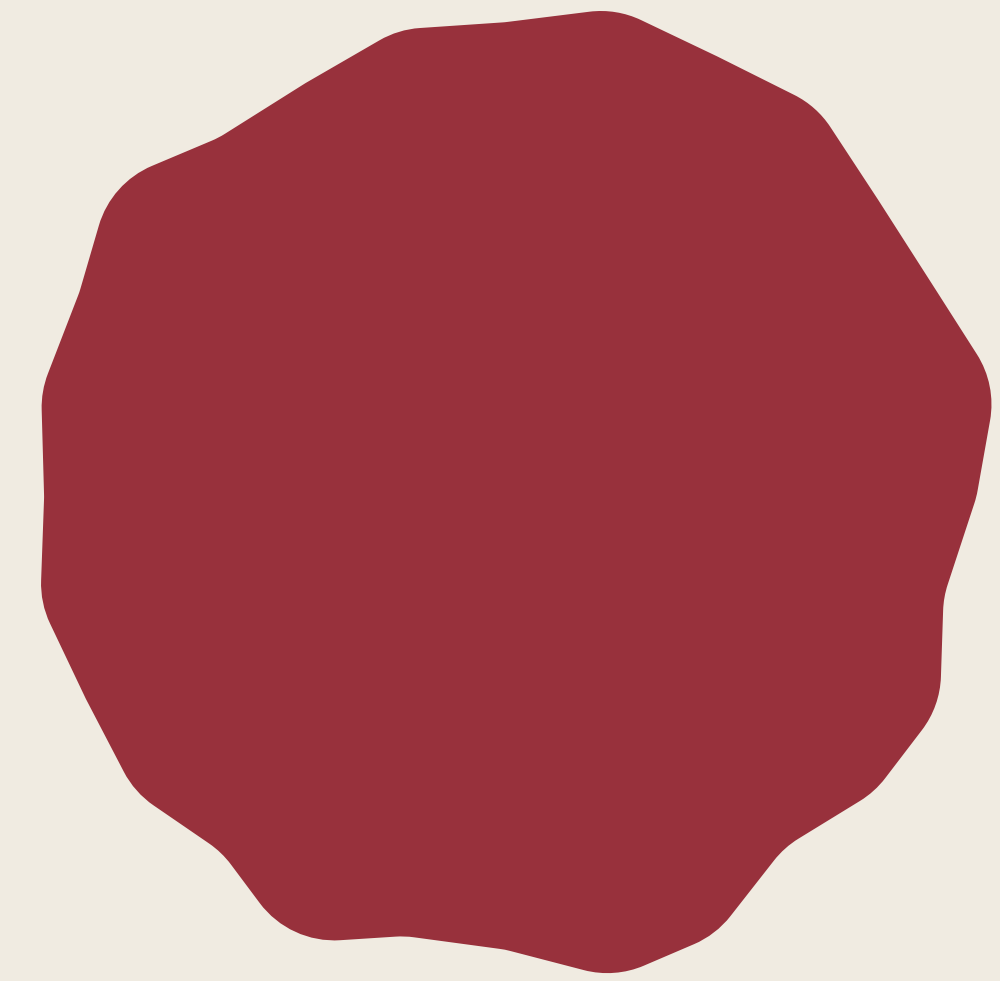


ÍNDICE

REFERÊNCIAS TEMÁTICAS
RELATOS

ESTRUTURA
TIPOGRAFIA
CORES

REFERÊNCIAS
APRENDIZADO
EXECUÇÃO



INTRODUÇÃO

Esse projeto tem a intenção de trazer uma visão sensível e real sobre mulheres LGBTQ+ e permitir que elas tenham espaço para que possam compartilhar suas histórias e vivências dentro de uma sociedade que ainda as mantém invisibilizadas. Quem sabe elas se tornem inspiração para quem, porventura, venha a ter contato com seus relatos - assim como, a partir de agora, são para mim.

A temática LGBTQ+ sempre foi um dos primeiros pensamentos que permearam minha cabeça quando o assunto era trabalho de conclusão de curso. Ao longo da graduação me deparei com poucos projetos acadêmicos voltados para a comunidade LGBTQ+, e quando o foco era direcionado às mulheres, esse número era ainda menor.

A invisibilização de mulheres LGBTQ+ atravessa diversos âmbitos da nossa sociedade - a falta de representatividade política, midiática e cultural sempre foi para mim, enquanto mulher lésbica, um ponto de fácil percepção. Nunca foi fácil encontrar materiais que me fizessem sentir acolhida e representada.

Mesmo que hoje a conversa sobre diversidade sexual esteja aos poucos se naturalizando, não significa que há de fato um aumento sobre a representatividade LGBTQ+. Na publicidade brasileira, por exemplo, essa representatividade caiu um ponto percentual em 2020 em comparação ao ano anterior, segundo estudo realizado pela Elife e agência SA365.

E quando entramos especificamente no meio editorial, vemos que a literatura com essa temática, infelizmente, ainda carrega silenciamentos e polêmicas em seu entorno. É possível citar como exemplo, a recente tentativa de censura sobre a história em quadrinhos “Vingadores - A Cruzada das Crianças”, que continha um beijo entre dois personagens masculinos, ato cometido em 2019 durante a Bienal do Livro do Rio de Janeiro pelo ex-prefeito da cidade. Caso que tomou repercussão nacional.

INTRODUÇÃO

Além disso, indo mais a fundo na temática deste projeto, encontramos, também, um exemplo claro da invisibilização de mulheres LGBTQ+ no Brasil: hoje conhecida como a primeira autora de romances eróticos lésbicos do país e primeira escritora brasileira a vender um milhão de exemplares, Cassandra Rios (1932-2002) foi uma das nossas maiores representantes dessa literatura.

Também foi a autora que mais sofreu censura durante a ditadura militar, o que fez com que ela não fosse respeitada no meio literário e tivesse que utilizar um pseudônimo masculino para publicar suas obras.

“A história tende a ser narrada de uma perspectiva universal, masculina e heterossexual. Quando, enfim, há a inclusão das mulheres, elas são ainda universalizadas - sem distinção de cor, classe, sexualidade.” **(FIGUEIREDO; VARON, 2020)**

Quando contei para um amigo sobre a minha vontade de utilizar esse projeto para compartilhar histórias ele me fez uma indicação fundamental, que me ajudou a entender a importância de contar histórias por diferentes pontos de vista. Durante conferência no *TED (Technology, Entertainment, Design)* no ano de 2009, Chimamanda Adichie, feminista e renomada escritora nigeriana, fala sobre “O perigo da história única”.

Na palestra ela relata, dentro de suas próprias vivências e experiências, sobre o perigo de definirmos uma pessoa ou um povo dentro de uma única história, sem levarmos em conta toda sua complexidade enquanto indivíduos que não podem ser definidos por apenas um aspecto/característica, e de como a falta de informação e representatividade pode nos levar a estarmos presos dentro dessas histórias únicas que criam narrativas que não são sempre condizentes com a realidade.

INTRODUÇÃO

“É assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e é nisso que ele se torna.” [...] “A história única cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é eles serem mentira, é serem incompletos. Fazem com que uma história se torne a única história.” [...] “As histórias são importantes. Muitas histórias são importantes. As histórias têm sido usadas para desapropriar e tornar maligno. Mas histórias também podem ser usadas para dar poder e humanizar. As histórias podem quebrar a dignidade de um povo, mas as histórias também podem reparar essa dignidade quebrada.” (ADICHIE, 2009)

Esse projeto foi a oportunidade que tive para dar voz à mulheres como eu, para que essas histórias totalmente plurais possam ser compartilhadas sem idealizações, estereótipos e silenciamentos.

Mas por que, exatamente, um livro? Quando entrei na faculdade, um dos meus maiores desejos era trabalhar, de alguma forma, com o editorial – algo que explorei pouco durante os anos de curso. Por isso, me pareceu adequado encerrar esse ciclo ao juntar essas temáticas que, em algum momento, foram (ou ainda são) importantes para mim.

Sabemos que ter acesso à histórias que abordam temas de inclusão e representatividade pode gerar uma relação importante entre obras-indivíduos que se identificam dentro de uma minoria.

Em matéria publicada pela CNN Brasil em 2020, Renan Quinalha, autor do livro “História do Movimento LGBT no Brasil”, diz que a literatura com temática LGBTQ+ “Tem uma importância fundamental por ajudar a colocar referências e representatividade para quem esteja descobrindo a identidade possa se referenciar nesses modelos, personagens, autores”.

INTRODUÇÃO

Enfim, tendo estabelecido as motivações, a temática e estrutura para o trabalho, foi escolhido como direcionamento do livro o afeto. O afeto está ligado às experiências humanas - através de sentimentos, emoções e do humor. É inerente à nossa existência, o que dá título ao projeto e um dos pontos de partida para essa jornada.

“Aquilo que denominamos com essa palavra pode se referir tanto ao que nos é dado vivenciar conscientemente em certas circunstâncias, ou seja, um estado subjetivo que “sentimos”, como também pode se referir àquilo que não se sente de modo direto, mas que se entrevê ou infere no comportamento alheio e, menos facilmente, no nosso.”

(PEIXOTO JUNIOR; ARÁN, 2011)

PROJETO

REFERÊNCIAS TEMÁTICAS

As maiores referências temáticas para AFETO foram os projetos de conclusão de curso dos designers formados pela Unesp Bauru: Karen Uehara e Luiz Mello - os quais tenho o prazer de chamar de amigos.

“Etérea” é o projeto da Karen (A). Uma antologia com os retratos de nove mulheres, que aborda a intimidade que cada uma possui com a escrita através da poesia. Um trabalho sensível que me fez ter a certeza de que tratar de representação feminina era o caminho que eu gostaria de seguir.

“O canto” é o projeto do Luiz (B). Uma publicação física e digital que traz entrevistas com pessoas LGBTQ+ a respeito de suas relações com os familiares. O olhar delicado e respeitoso sobre um assunto tão importante, e ainda pouco discutido, que me deu a confiança de tentar abordar isso da minha própria maneira.

Destaco também o projeto de mestrado feito pela designer formada pela Unesp Bauru, Caroline Gomes, “Mulheres no plural: novas constituições identitárias e suas relações com o design: sobre mulheres transexuais e travestis”, pois foi o primeiro contato que tive com a temática feminina e LGBTQ+ durante a graduação.



PROJETO

RELATOS

Para selecionar as participantes desse projeto criei um formulário online com algumas perguntas pessoais e de contato (como idade, cidade e disponibilidade de horário) para que pudéssemos nos falar posteriormente, conversar melhor sobre o projeto e que eu pudesse convidá-las oficialmente para fazer parte.

O formulário foi divulgado no meu perfil pessoal do Instagram e em grupos do WhatsApp. A intenção inicial era que o projeto tivesse dez histórias, por isso a divulgação foi encerrada em dois dias, quando o formulário já tinha recebido dezessete respostas.

Como tive mais respostas do que o esperado, decidi selecionar as mulheres com base nas informações pessoais já citadas, com diferentes idades e de diferentes regiões, esperando que assim pudesse ter histórias diversificadas e com mais representatividade. Entrei em contato com sete das mulheres interessadas e convidei mais três amigas para participar - que desde quando esse projeto ainda nem existia já o apoiavam.

Das sete mulheres que entrei em contato, uma não respondeu minha mensagem e outra, por motivos pessoais, desistiu de fazer parte do projeto. Por isso, decidi que seria melhor reduzir o número de histórias e continuar com as oito participantes que já tinham confirmado.

Todos os relatos aconteceram durante conversas online particulares no ano de 2021 e tiveram duração média de 45 minutos à 1h30, a intenção era que fosse uma troca, onde elas compartilhavam suas histórias ao mesmo tempo em que eu compartilhava a minha. Segui um roteiro base de 12 perguntas, que serviram como um guia para o andamento da conversa, mas que não eram limitadas - abordavam assuntos diversos, como a descoberta da sexualidade, infância, relações familiares, amorosas e de afeto no geral. Também tinha mais 9 perguntas "extras" separadas para casos onde eu sentia que existia espaço para que pudessem ser exploradas.

PERGUNTAS BASES

1. COMO VOCÊ SE IDENTIFICA EM RELAÇÃO A SUA SEXUALIDADE?
2. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ SE ENTENDE ASSIM?
3. DURANTE A VIDA, QUANDO VOCÊ ESTAVA CRESCENDO, PERCEBIA QUE ERA "DIFERENTE" DAS PESSOAS AO SEU REDOR?
4. COMO VOCÊ LIDAVA COM O FATO DE SER DIFERENTE? AS PESSOAS AO SEU REDOR PERCEBIAM ISSO?
5. TEVE O MOMENTO ONDE VOCÊ SE ABRIU SOBRE A SUA SEXUALIDADE COM AS PESSOAS AO SEU REDOR?
6. COMO É A RELAÇÃO COM A SUA FAMÍLIA? VOCÊ JÁ SE ABRIU COM ELES SOBRE ISSO? SE SIM, COMO FOI?
7. TEM ALGUMA PESSOA DA SUA FAMÍLIA QUE TENHA SIDO IMPORTANTE NO SEU PROCESSO DE SE ENTENDER E SE ACEITAR? COMO É A SUA RELAÇÃO COM ESSA PESSOA?
8. VOCÊ ESTÁ EM UM RELACIONAMENTO NO MOMENTO?
9. COMO É A CONSTRUÇÃO DE UM RELACIONAMENTO PRA VOCÊ?
10. PRA VOCÊ, O QUE SIGNIFICA AMAR UMA MULHER?
11. TEM ALGUMA PESSOA QUE TENHA TIDO UM PAPEL MARCANTE E IMPORTANTE NA SUA VIDA? ALGUÉM QUE VOCÊ SINTA QUE FEZ DIFERENÇA PARA VOCÊ SE TORNAR A PESSOA QUE É HOJE.
12. COMO FOI A PRIMEIRA VEZ QUE VOCÊ SENTIU QUE PODERIA SER VOCÊ MESMA, SEM TER A SUA SEXUALIDADE COMO ALGO A ESCONDER?

PROJETO

RELATOS

Todas as conversas tiveram gravação de áudio e vídeo - consentido pelas participantes - e foram transcritas e adaptadas para que melhor se encaixassem dentro do projeto gráfico final - levando em consideração aspectos como uma leitura mais fluida, sem cortes abruptos nas falas e vícios de linguagem - e resumidas para que coubessem dentro de questões mais técnicas, como o número de páginas do livro impresso. Nessa etapa foi estabelecido que a estrutura do livro seria dividida em histórias intercaladas com uma página dupla e com duas páginas duplas.

No geral, esse foi o momento mais interessante e ao mesmo tempo desafiador do projeto.

Conduzir as conversas foi uma parte importante e prazerosa do processo, pois pude conhecer pessoas novas e ter contato com realidades diferentes da minha. Desde o início a intenção era trocar experiências e acredito que esse objetivo foi concretizado em todas as oito conversas. Sou imensamente grata pela participação de todas e sigo admirando quem eu já conhecia anteriormente e quem pude conhecer através desse projeto.

De modo geral, mesmo que as histórias tenham contextos e acontecimentos diferentes, alguns pontos em comum destacam-se na maioria:

O ato de se assumir para a família é um ponto importante para o processo de entendimento e aceitação. Ter o acolhimento familiar gera um conforto e segurança maior para quem está lidando com esse período de entendimento da sexualidade. Aqui destaca-se, em especial, a relação materna. Muitas das participantes contaram sobre o fato de que as mães projetavam nelas a expectativa de uma vida mais idealizada - diferente da que as próprias mães tiveram - e como o rompimento dessa barreira fez com que elas se sentissem mais seguras para serem quem realmente são e se expressarem da forma que se sentissem mais confortáveis.

Além da relação familiar, a relação com amigos é uma das mais valiosas. Quase todas as participantes falaram sobre como foi importante ter conhecido pessoas que tivessem a mesma sexualidade ou que estivessem vivendo situações semelhantes, não apenas no período em que elas estavam se descobrindo. Estar próximo de alguém que entende suas vivências cria uma relação de afeto onde existe um maior entendimento e compreensão entre os indivíduos.

PERGUNTAS "EXTRAS"

1. LEMBRA DE ALGUMA SITUAÇÃO MARCANTE QUE VOCÊ TENHA VIVIDO PELO FATO DE SER DIFERENTE?
2. ISSO INFLUENCIOU DE ALGUMA FORMA NA SUA PERSONALIDADE OU NO SEU JEITO DE AGIR?
3. VOCÊ É A ÚNICA PESSOA LGBTQIA+ DA FAMÍLIA?
4. FALANDO SOBRE AMIZADE, COMO É SUA RELAÇÃO COM SEUS AMIGOS? VOCÊ PRECISOU SE ABRIR COM ELES OU FOI UMA QUESTÃO QUE ACONTECEU NATURALMENTE?
5. VOCÊ TEM UM(A) MELHOR AMIGA(O)? COMO VOCÊS SE CONHECERAM? COMO É A RELAÇÃO DE VOCÊS?
6. TEM ALGUMA AMIZADE DE INFÂNCIA QUE TE ACOMPANHA ATÉ HOJE?
7. VOCÊ TRABALHA OU ESTUDA?
8. SENTE QUE EXISTE UMA CARGA EM SER UMA MULHER LGBTQ+ NESSA ÁREA/LUGAR?
9. COMO VOCÊ CONSTRÓI SUAS RELAÇÕES DE TRABALHO/CONVÍVIO?

PROJETO

RELATOS

Encerradas as conversas, aqui entro na parte mais desafiadora de todo o desenvolvimento do projeto: a transcrição e adaptação dos relatos para os textos finais.

Desafiador pois, ao longo dos anos, escrever se tornou uma dificuldade para mim, talvez esse também tenha sido um motivo para ter escolhido um livro como projeto de conclusão de curso - pela oportunidade de me forçar a melhorar em um dos meus (inúmeros) pontos que ainda considero fracos.

A transcrição das conversas durou em média de 2h a 4h cada, o que variava de acordo com a duração do áudio e o ritmo em que a pessoa falava. Esse processo foi dividido em três etapas: transcrição exatamente fiel à fala, primeira adaptação e segunda adaptação.

A primeira etapa, como o nome indica, foi onde eu transcrevi palavra por palavra toda a conversa que tive com as participantes, sem adaptações.

Já a primeira adaptação gerou a primeira versão do livro, nela tentei mexer o menos possível no conteúdo das conversas, sem tirar vícios de linguagem e sem ajustes

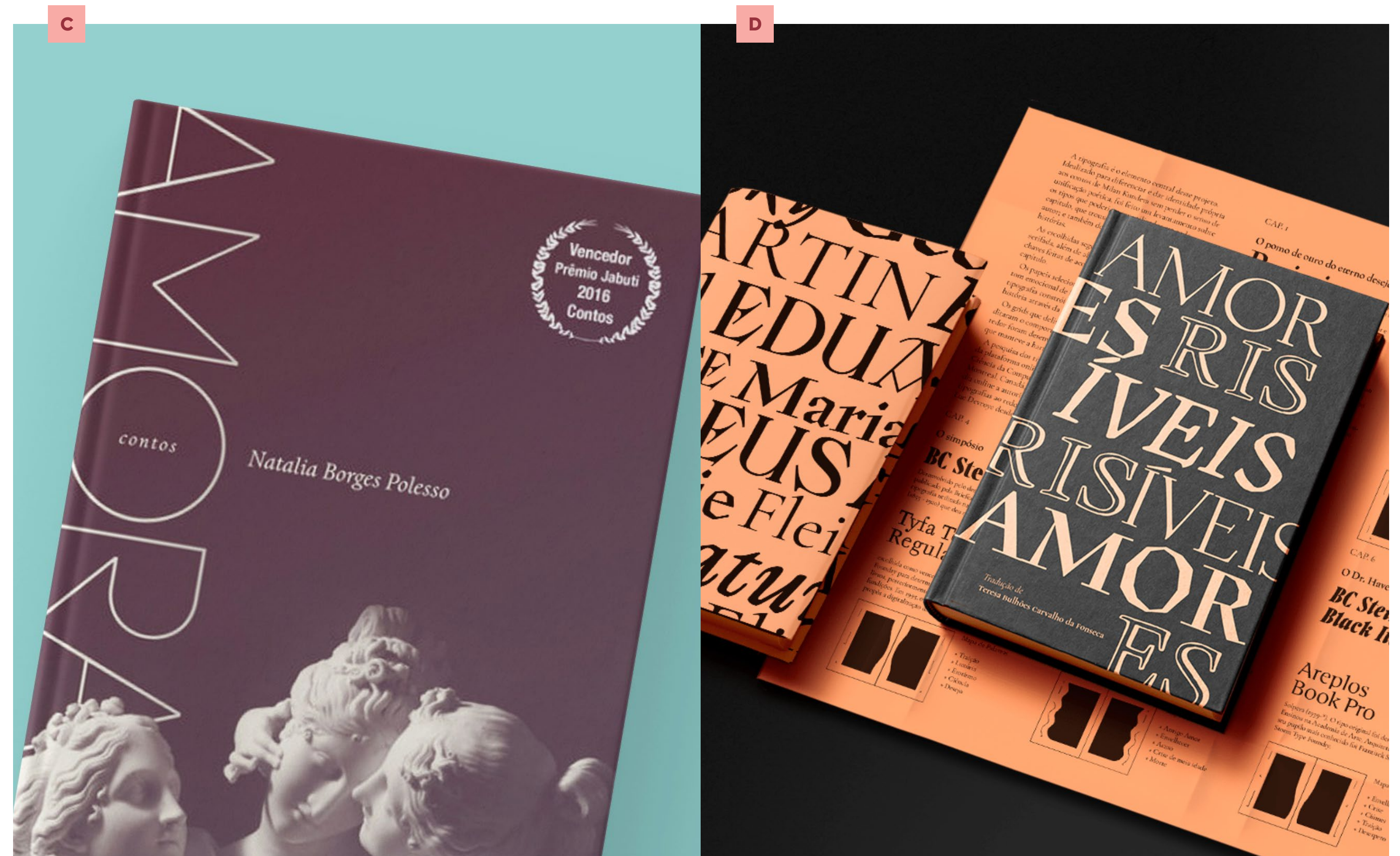
que tornassem a leitura mais clara e fluida. Rapidamente - e com a ajuda da Cassia - percebi que essa ideia não funcionava, até por que não falamos da mesma forma que lemos, nem sempre a ordem dos pensamentos que são gerados em uma conversa com o tom mais informal é a ordem em que as coisas fazem sentido para quem está tentando entender o assunto de fora.

Essa constatação gerou a segunda adaptação dos textos. Foi aqui onde eu me debrucei totalmente no projeto, não sei dizer quantas vezes li e reli cada uma das histórias para tentar deixar todas do melhor jeito possível e garantir uma leitura que fizesse sentido ao mesmo tempo em que fosse fiel às conversas, o que desde o começo foi uma das minhas maiores preocupações. Muitas versões foram geradas nesse processo até chegar nos textos finais que foram para o livro impresso - antes da impressão, todos os textos foram compartilhados com as autoras.

PROJETO GRÁFICO

ESTRUTURA

Destaco duas publicações que serviram como referências nessa etapa do projeto: o livro “Amora” (C), da autora Natalia Borges Polessa, que reúne histórias que abordam relacionamentos lésbicos e cada capítulo traz um conto diferente; e o projeto gráfico do livro “Risíveis Amores” (D), feito pelo designer brasileiro Elson Moraes, que explorou o conceito de diferentes ambientes de leitura através da variação de grids na diagramação e experimentações tipográficas.



PROJETO GRÁFICO

ESTRUTURA

O livro é dividido em oito capítulos onde cada um retrata a história de uma mulher diferente. Por tratar de vivências totalmente plurais, faz sentido que o sentimento de diversidade seja transmitido não apenas pelos textos e ilustrações, mas também através do projeto gráfico em si - nesse caso, a diagramação.

As histórias se organizam dentro de uma estrutura semelhante: abertura em página dupla com título e colagem, seguida pelas páginas de texto. Porém, cada uma possui sua própria diagramação, um recurso de linguagem que traz dinamismo e diversificação entre os capítulos do livro.

GRIDS

CAPÍTULO 1



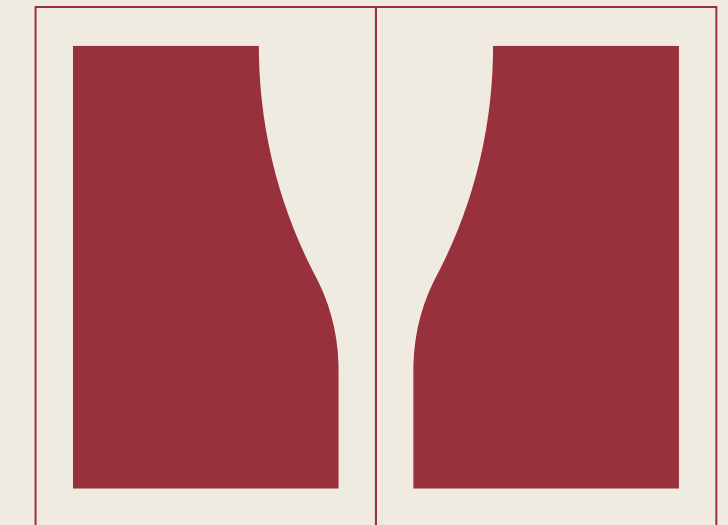
CAPÍTULO 2



CAPÍTULO 3



CAPÍTULO 4



CAPÍTULO 5



CAPÍTULO 6



CAPÍTULO 7



CAPÍTULO 8



PROJETO GRÁFICO

TIPOGRAFIA

Duas tipografias compõem o livro:


Escolhida para títulos e destaques, a família tipográfica Okta Neue traz leveza ao projeto e seu formato simples e geométrico combina com a linguagem das colagens.

Para o miolo do livro, foi escolhida a família tipográfica Amiri. Ela é mais adequada para grandes blocos de texto e traz uma leitura confortável para o impresso.



A vida afetiva dá luz
à existência humana.

Esse projeto nasceu para que mulheres
LGBTQ+ tenham espaço para compartilhar
histórias, descobertas e experiências.



PROJETO GRÁFICO

CORES

As cores são fundamentais para o projeto, junto com as variações de grids elas são responsáveis por reforçar a identidade própria de cada uma das histórias.

Primeiramente, foi estabelecido um tom de Off White para ser utilizado em grafismos e, principalmente, como fundo para a composição das colagens, ele está presente em todas as paletas de cores.

Após essa primeira escolha, criei uma paleta de cores base, independente das colagens, para que pudesse ilustrar outros momentos do livro - como a capa e página de introdução. As cores principais para essa paleta são tons contrastantes de vermelho e rosa.

“O simbolismo do vermelho está marcado por duas vivências elementares: o vermelho é o fogo e o vermelho é o sangue.” [...] “O fogo e o sangue, em todas as culturas e em todos os tempos, têm um significado existencial.” (HELLER, 2013)

“Existem sentimentos e conceitos que só se podem descrever pelo rosa.” [...] “E rosa é a sensibilidade, a sentimentalidade. O rosa, mistura de uma cor quente com uma cor fria, simboliza as virtudes do meio-termo.” (HELLER, 2013)



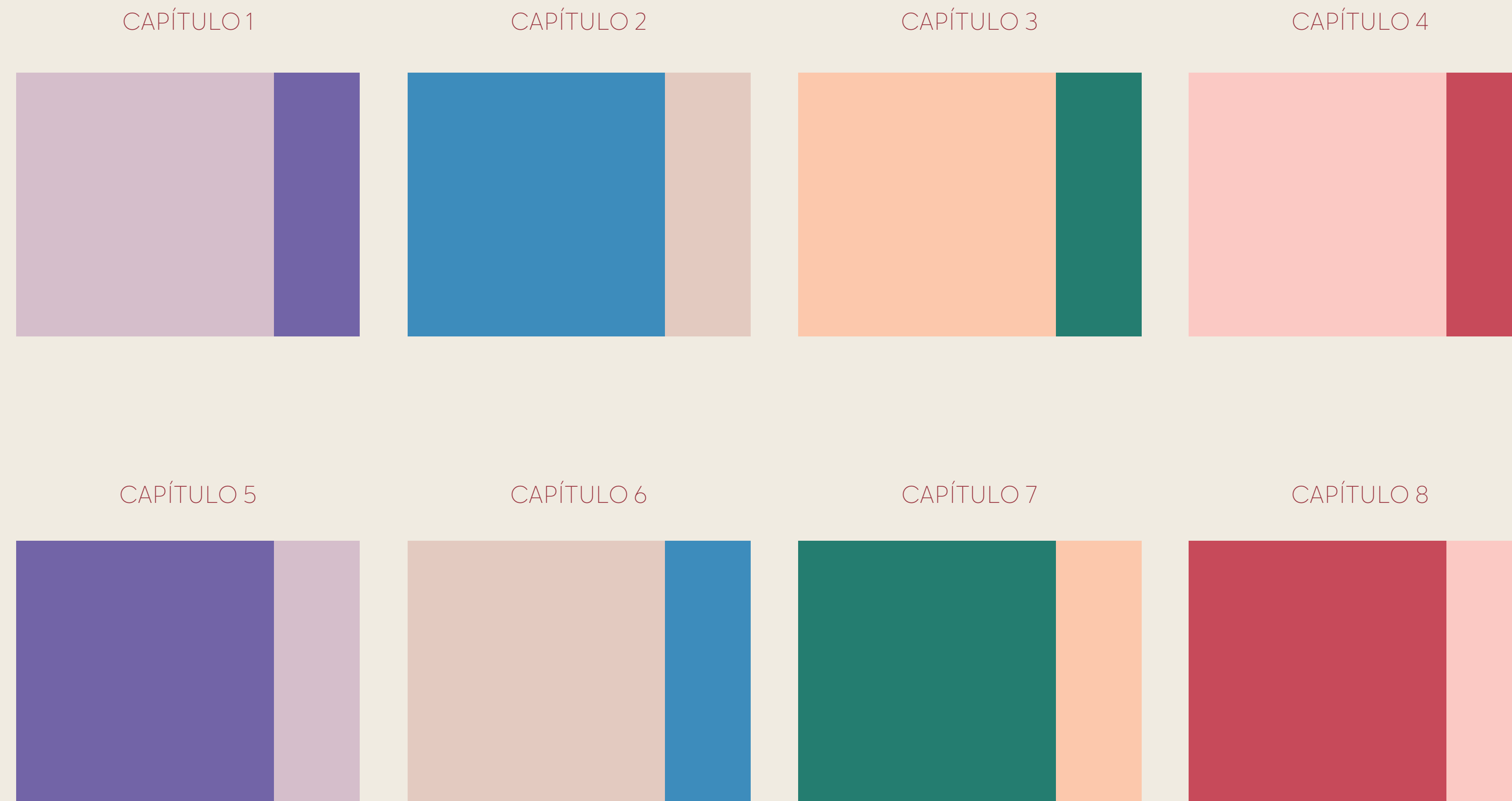
PROJETO GRÁFICO

CORES

Para as aberturas estabeleci quatro paletas cromáticas, cada uma com duas cores principais, utilizadas para ilustrar dois capítulos no livro. Nessa etapa, busquei cores que tivessem contraste entre si e que não destoassem da paleta base. Para manter a diferenciação entre as histórias que estivessem utilizando a mesma paleta de cor, foi usada a seguinte lógica:

Cor predominante: usada em maior proporção para colorir fundo e grafismo.

Cor secundária: usada em menor proporção para colorir apenas grafismos e título.



PROJETO GRÁFICO

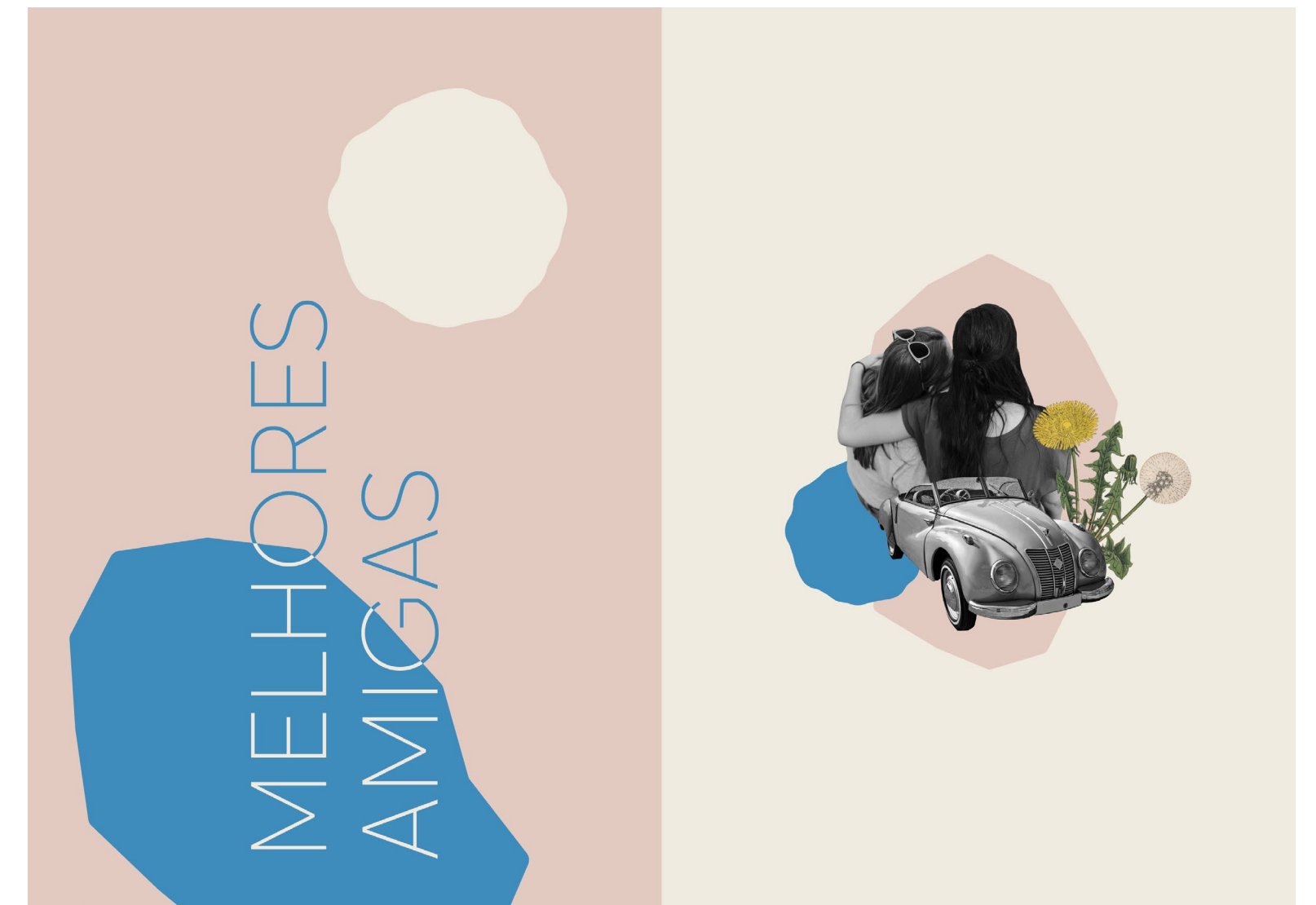
CORES

Assim, se os capítulos dois (Sapatão) e seis (Melhores amigas) estão utilizando a mesma paleta cromática, a ordem de cor predominante e cor secundária entre eles varia, como mostra o exemplo ao lado.



COR PREDOMINANTE

COR SECUNDÁRIA



COR PREDOMINANTE

COR SECUNDÁRIA

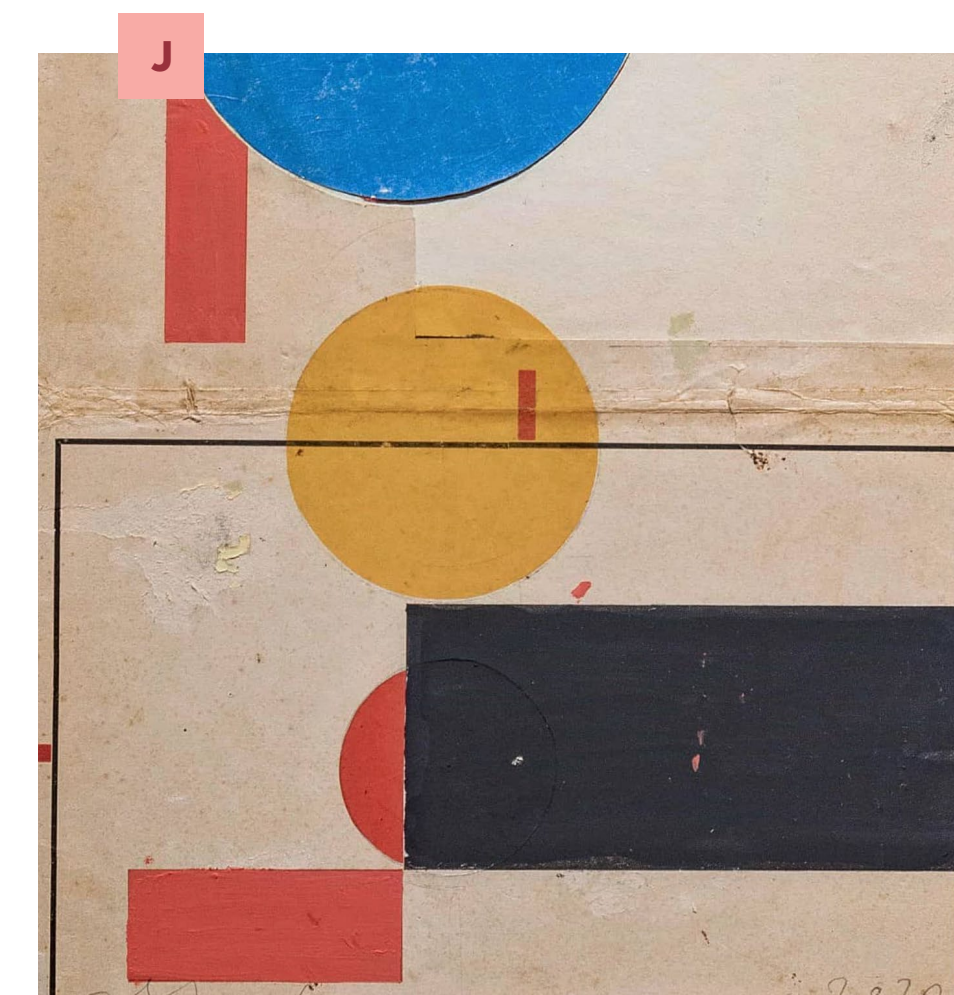
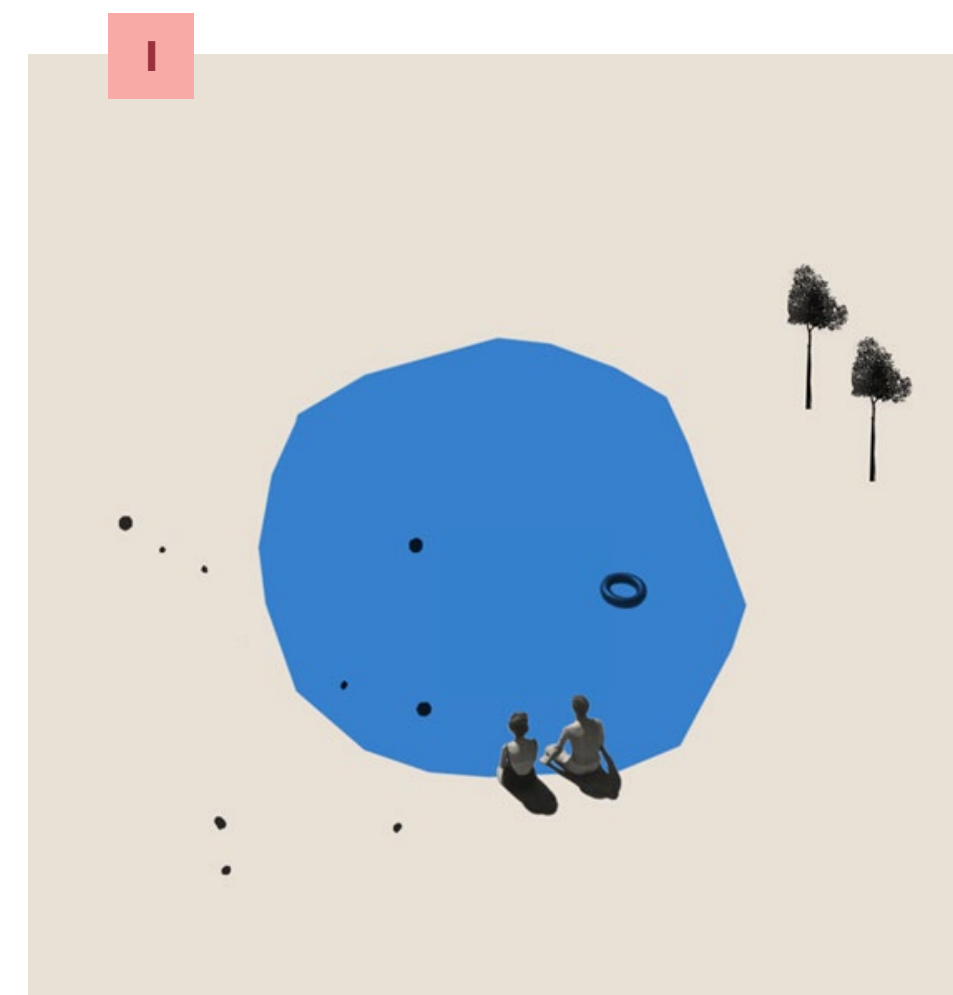
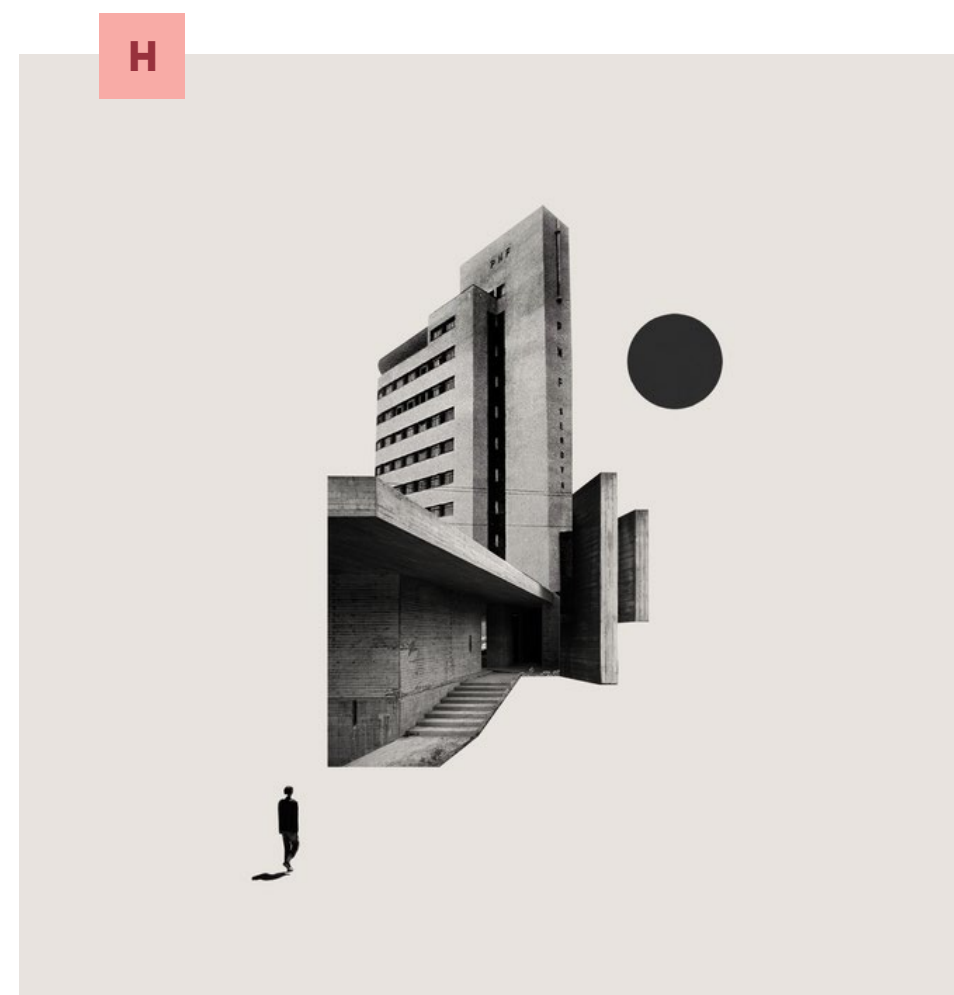
COLAGENS

REFERÊNCIAS

Busquei como referências visuais artistas e obras que trabalhassem a colagem dentro de uma linguagem simples e minimalista, que transmitisse ideias e conceitos com o uso de poucos elementos.

Criados pelo artista grego Vasilis Marmatakis, os cartazes do filme "The Lobster" (2015) foram as primeiras grandes referências visuais desse projeto e definiram a estética das colagens, assim como abriram caminho para as referências seguintes (E, F). O trabalho da artista francesa Rozenn Le Gall traz uma abordagem interessante para o corpo feminino (G). Louis Bowes é um artista inglês que trabalha com colagens semi-abstratas impactantes focadas em arquitetura, natureza e na forma humana (H). Cristiana Couceiro é uma designer/ilustradora portuguesa, grafismos geométricos e cores vibrantes marcam seu trabalho com colagem (I). Gina Gimenez é uma artista espanhola que trabalha com grafismos geométricos em diversas mídias e técnicas (J).

Além de trazer figuras que representam parte do conceito dos textos - de maneira literal ou abstrata - as colagens de AFETO também são feitas com grafismos vetoriais coloridos que amarram as figuras dentro de uma estrutura centralizada e fazem uma ligação direta entre imagem e título dos capítulos.



COLAGENS

APRENDIZADO

As colagens de AFETO foram feitas digitalmente, mas essa era uma técnica que eu nunca tinha explorado antes, por isso decidi fazer um curso focado em colagem digital.

Criado pelo designer editorial e ilustrador mexicano Israel García Vargas (K) e comercializado pela plataforma online **Domestika**, o curso “Colagem digital para meios editoriais” me ajudou em todo o processo de criação, desde à análise de textos até a execução final.

O curso é dividido em quatro unidades: Introdução; A colagem no processo editorial; Composição e Montagem; e Acabamentos. Além de aprender conceitos técnicos e teóricos, as aulas foram fundamentais para me ajudar a entender a melhor forma de organizar meu trabalho.

Antes de embarcar na parte visual precisei fazer uma análise dos textos para extrair elementos e conceitos que seriam levados para as colagens. Seguindo o conteúdo aprendido nas aulas, a análise foi dividida em três pontos:

Elementos ou situações literais: Dados específicos e situações reais que são mencionados no texto - personagens, locais, acontecimentos.

Conceitos: Situações implícitas, não mencionadas diretamente no texto - sensações que podem ser percebidas durante a leitura.

Interpretações: Informações que eu interpreto e possíveis contribuições visuais que posso fazer.

Assim, criei uma ficha individual para cada história e mapeei todos os pontos acima de acordo com o texto analisado, esse processo foi feito para todas as histórias do livro. Nem todas as informações anotadas foram levadas para as colagens, mas foram um bom ponto de partida para esboçar as primeiras ideias até chegar no resultado final.



FICHA DE ANÁLISE:
CAPÍTULO 5 - "EU NÃO TÔ AQUI À TOA"

SITUAÇÕES LITERAIS

- Quando pequena, ela se questionava sobre isso;
- No ensino médio, teve dificuldade em se entender como mulher;
- Na faculdade e morando com pessoas parecidas, começou a se entender melhor e aceitar relações não-heteronormativas;
- O mais importante, para ela, foi contar para a mãe. No começo, a mãe não aceitou tão bem, mas depois melhorou, ela tentou entender;
- "Ser mulher nos possibilita entender outras causas";
- Pai faleceu e não chegaram a falar sobre isso;
- Pai ensinou ela a se sentir importante e valorizar suas vivências e o que ela tem a falar.

CONCEITOS

- Aprendeu a ver beleza na sexualidade dela;
- Aceitou todas suas camadas enquanto pessoa;
- Lugar de pertencimento no mundo;
- Amadurecimento da ideia - se entender antes de se expressar;
- Conceito de liberdade - se enxergar dentro da sua realidade.

INTERPRETAÇÕES

- Ver a beleza nela mesma e na sua sexualidade;
- Descoberta enquanto pessoa;
- Sentimento de importância e pertencimento;
- Jornada interior;
- Processo de libertação para ser ela mesma, ao mesmo tempo em que não deixa de carregar a carga da sua história.

COLAGENS

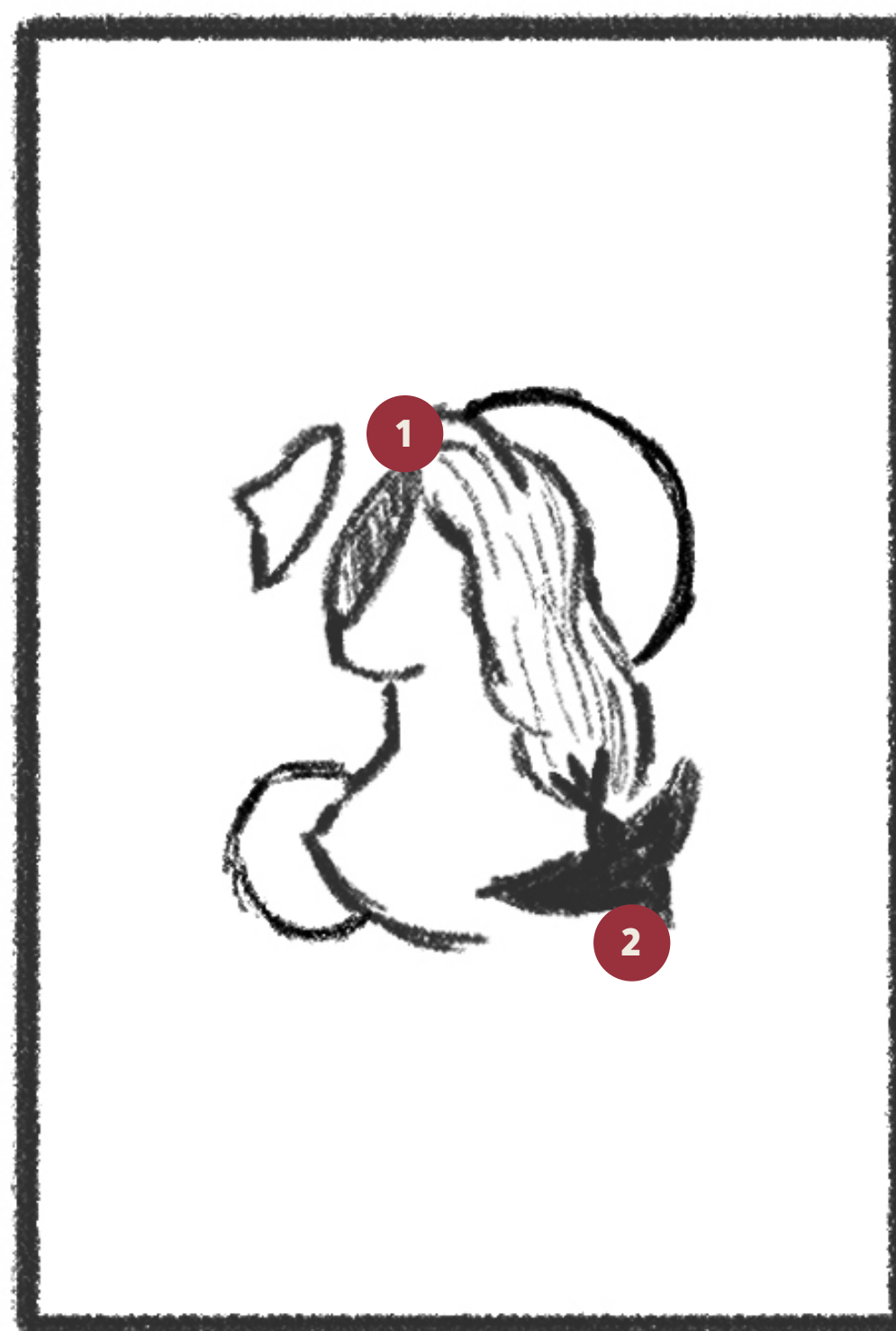
EXECUÇÃO

A próxima etapa do desenvolvimento foi a criação dos esboços. O objetivo de um esboço é criar uma ideia clara - mesmo que não finalizada - do conceito que vai ser trabalhado nas colagens, para então imaginar como essa ideia será resolvida depois - por isso é bom levar em consideração também a facilidade para encontrar as imagens finais. É importante deixar claro que os esboços não são iguais aos resultados finais - pois isso depende diretamente das imagens que foram encontradas - mas os conceitos permanecem os mesmos.

Para mim, o que funcionou melhor nessa parte foi fazer esboços totalmente simplificados e sem o menor apego com realismo. A intenção era estudar a composição geral e quais elementos eu gostaria de levar para a colagem final. Bonecos de palitinho e gravuras quase abstratas foram os protagonistas desse momento, mas para me orientar melhor na hora de procurar as imagens, eu anotava ao lado do desenho o que cada coisa significava e como visualizava elas na minha cabeça.

O processo de esboço foi igual para todas as colagens mas o desenvolvimento variou de acordo com o conteúdo dos textos, por isso algumas histórias foram resolvidas em apenas dois ou três estudos, enquanto para outras foram necessárias diversas versões até que chegassem em possibilidades visuais que me agradassem.

ESBOÇO 1



1 ROSTO EM FORMAÇÃO

2 PÁSSARO - LIBERDADE

ESBOÇO 2 (SELECIONADO)



3 PÁSSARO TAMPANDO O ROSTO

4 PLANTAS/ESPINHOS - CRESCIMENTO

COLAGENS

EXECUÇÃO

Com os esboços em mãos, a próxima etapa do desenvolvimento foi a procura das imagens em bancos de estoque gratuitos e sem licenciamento. Os principais sites utilizados na busca foram o **Unsplash**, **Pixabay**, **The Public Domain Review**, **The Getty: Museum** e **Pexels**.

Essa foi uma etapa demorada, nem sempre encontrava as imagens da forma que gostaria ou na resolução adequada (é indicado que sejam grandes e tenham de preferência 300dpi). Para agilizar o processo, decidi comprar um pacote de assets com imagens já recortadas e em alta resolução, comercializado pelo estúdio **Graphic Goods** no site **Creative Market**. De todas as vinte e cinco imagens utilizadas no livro, onze vieram desse pacote e as outras quatorze foram buscadas e recortadas por mim.

Com as imagens selecionadas, foi possível partir para a etapa de recorte, onde utilizei o programa **Adobe Photoshop**.

Existem diferentes formas de recortar imagens, para mim, as principais foram utilizando as ferramentas de caneta e seleção - rápida ou com a varinha mágica. Escolher a ferramenta mais adequada depende da complexidade da imagem escolhida e do nível de precisão em que a forma precisa estar definida. Um ponto importante aqui foi sempre recortar as imagens com o uso de máscaras para que elas continuassem editáveis.

Com as imagens recortadas era possível fazer alguns ajustes de acordo com a necessidade de cada imagem, os principais foram: aplicação de um leve filtro de ruído em imagens que não tinham a resolução adequada, deixar as imagens em preto e branco, ajustes básicos de brilho, cor e contraste.

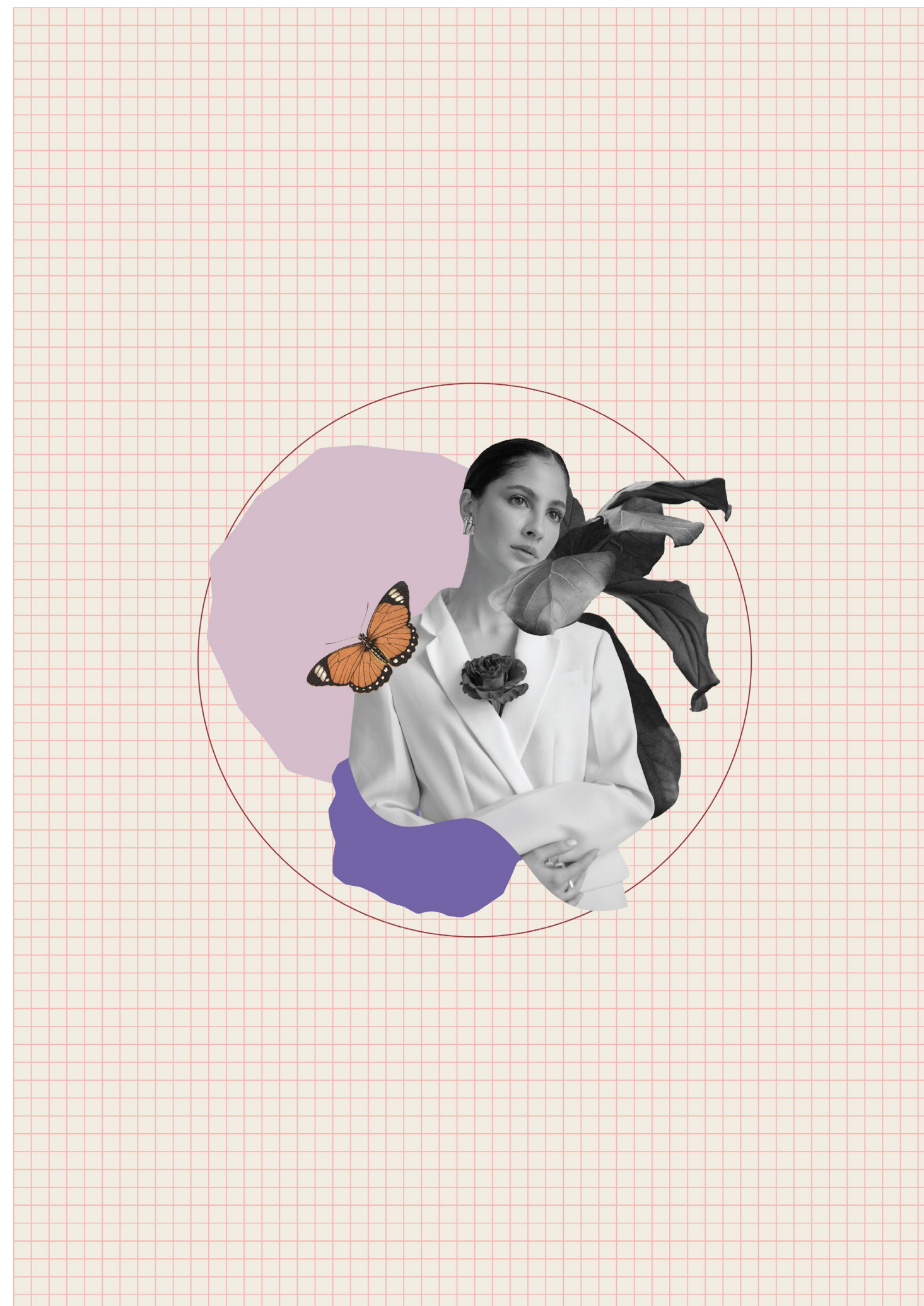
IMAGENS RECORTADAS E AJUSTADAS



COLAGENS

EXECUÇÃO

Com os esboços prontos e todas as imagens recortadas, montar as composições finais foi uma etapa mais simples. Criei um grid quadriculado no **Adobe Illustrator** que me permitia visualizar as imagens centralizadas e fui montando a composição conforme os esboços, ajustando o layout quando necessário.



RESUMO:
EXECUÇÃO



ESBOÇO SELECIONADO



IMAGENS RECORTADAS



GRID/COMPOSIÇÃO FINAL

IMPRESSÃO

AFETO é um livro em tamanho A5. Possui 48 páginas de miolo impresso em papel Alta Alvura 90g/m², e capa impressa em papel Couché Fosco 250g/m². Encadernado com lombada quadrada colada em hotmelt. O resultado final da impressão não saiu exatamente da forma que eu imaginava, analisando o livro físico em mãos acredito que a impressão em papel texturizado e com maior gramatura poderia ter valorizado mais o projeto. De qualquer forma, mesmo que eu não tenha ficado satisfeita com o resultado, essa reflexão fica como aprendizado para futuras experiências - sempre testar possibilidades de produção antes da impressão final. No futuro, quero poder revisar esse projeto e imprimi-lo novamente com materiais que o valorizem mais.



LIVRO

PRIMEIRA CAPA E QUARTA CAPA





AFETO

AFETO

AFETO

TO

DESCOBERTAS
VIVÊNCIAS
AFETIVIDADE

DESCO
VIVÊNC
AFET'

BIANCA VICTORINO

CA VICTORINO

BIANCA VICTORINO



AFETO



BIANCA VICTORINO

A vida afetiva dá luz
à existência humana.

Esse projeto nasceu para que mulheres
LGBTQ+ tenham espaço para compartilhar
histórias, descobertas e experiências.

Aqui estão reunidos os relatos de oito mulheres,
compartilhados em conversas online - gravadas,
transcritas e adaptadas - durante o ano de 2021.
Todas as adaptações visaram garantir uma leitura
fluida e alinhada ao projeto gráfico, mas sempre
mantendo fidelidade aos relatos originais.





MINHA HISTÓRIA **6**

SAPATÃO **12**

MINHA VERDADE COM AMOR **16**

EU SEI QUE A GENTE NÃO É **22**

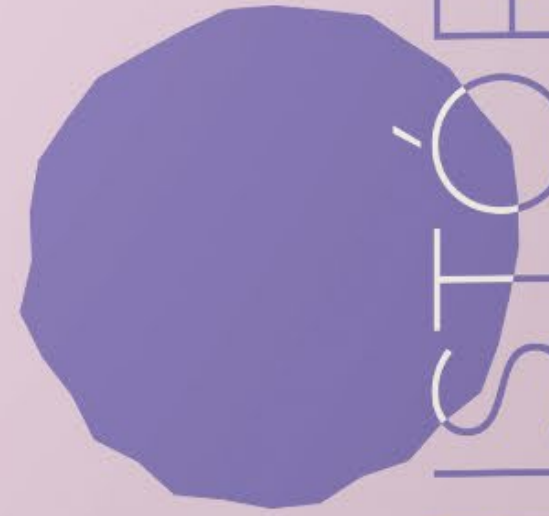
26 EU NÃO TÔ AQUI À TOA

32 MELHORES AMIGAS

36 ELA JÁ SABIA

42 AMOR





MINHA HISTÓRIA



Esse é um assunto bem complexo pra mim. Hoje estou em um relacionamento com uma mulher, mas a minha sexualidade foi algo que deixei em segundo plano por muito tempo da minha vida. Sempre tive curiosidade, já tinha ficado com meninas mas sempre me envolvia em relacionamentos com homens e nunca dava certo. Eu percebia um padrão, quando chegava em um momento onde eu não conseguia mais me envolver, ficava pensando "Será que o problema sou eu?".

Sempre me senti diferente em vários aspectos, nunca tive uma tribo. Me sentia um camaleão, convivia com pessoas muito diferentes, talvez tentando me encontrar dentro de uma caixinha que fosse confortável pra mim. Mas a grande verdade é que precisamos estar confortáveis com nós mesmos e eu projetava o que não estava bem aqui dentro, sentia que nunca cabia em lugar algum. Quando me permiti viver e aceitar a minha sexualidade, senti que finalmente tinha encontrado meu espaço e hoje sei quem eu sou e o lugar que posso ocupar.

8 Quando conheci a minha noiva e vi ela pela primeira vez, eu fiquei sem chão. Foi uma coisa do universo falando "Vamos pensar na sua sexualidade? Você passou quase 30 anos ignorando ela". Eu me abri e foi um despertar muito bonito. Nessa época, eu estava em um relacionamento hétero que não estava indo bem, pensava que não podia jogar um "casamento" fora por uma loucura, mas se não fosse loucura?

Ela morava em São Paulo, nos conhecemos lá. Chegou um momento onde eu não conseguia mais controlar, precisava viver aquilo e me descobrir, parar de ignorar essa parte da minha vida. E foi incrível, terminei meu relacionamento e comecei a me relacionar com ela.

Mas foi um longo processo, mesmo estando muito feliz eu pensava o que a sociedade iria dizer de mim, que aos 28 anos tinha saído do armário. E, principalmente, o que a minha família iria dizer?

Minha mãe projeta as coisas que ela sempre quis fazer em mim desde que sou criança, passei a vida inteira tentando fazer as coisas para ganhar a sua aprovação, mas nunca era boa o suficiente porque eu

MINHA HISTÓRIA

não sou ela. Isso foi muito frustrante pra mim, nossa relação é a mais difícil que tenho na vida. Demorei para entender que somos diferentes, então ao mesmo tempo que descobri minha sexualidade eu rompi essa barreira de achar que precisava estar dentro de uma caixa.

Quando minha mãe soube, ela me perguntou "Como assim agora você escolheu ficar com meninas?" e eu falei que não é uma escolha, mas se fosse eu escolheria mesmo, é quem eu sou. Falei coisas que nunca tive coragem, foi libertador. Nossa relação mudou muito, senti que ela passou a aceitar mais quem eu sou na minha totalidade.

Eu contei primeiro pro meu pai, sabia que não ia ser fácil, apesar dele me amar e me acolher. Mas o que ele falou pra mim foi "Eu não vou perder a minha filha por causa de um preconceito". Foi ele que contou pra minha mãe, ela me escreveu uma carta e falava como se eu tivesse morrido "Minha garotinha, minha menininha". Falei pra ela que sou a mesma pessoa que ela havia criado, o fato da minha sexualidade ser diferente do que ela entendia não significava que eu mudei, o que mudaria talvez fosse a forma que ela me via, isso é algo que ela teria que aprender a lidar e não eu.

Depois disso não conversamos sobre isso. Mas ela se abriu, entendeu que pela primeira vez na vida eu estava muito bem resolvida e não precisava da aprovação dela. Entendeu que se ela não me apoiasse ou me respeitasse eu iria me afastar, e ela não queria me perder como filha, então acabou me aceitando.

Sempre fui muito ligada à minha família, ao mesmo tempo que estava muito segura e sabia que não precisava da aprovação deles, não queria que virassem as costas pra mim, sabia que seria emocionalmente difícil. Meu irmão mais velho foi a pessoa mais importante nesse processo todo, ele me apoiou muito.

Fora minha família, minha melhor amiga foi uma pessoa extremamente importante. Quando eu contei pra ela sobre estar apaixonada, ela me falou que já era tempo de eu me abrir pra isso.

MINHA HISTÓRIA

Ela me ajudou no próprio processo do relacionamento, me disse que já tinha me visto em todo tipo de relação frustrada por que nunca tive coragem de falar o que eu sentia e queria, talvez por nem eu saber quem eu era, mas depois que eu tinha me aberto e me entendido como pessoa, era importante que eu comunicasse isso, porque acima de tudo eu tinha que me relacionar comigo mesma.

A sensação que eu tive quando vi minha noiva e ficamos pela primeira vez foi a de um *Tetris* - quando tudo se encaixa, a tela fica vazia e deu certo. Demorei alguns dias pra processar e entender o que estava sentindo, foi uma semana que fiquei pirada. Comecei a me abrir na terapia, a colocar pra fora e racionalizar esse processo. Por que eu estava com tanto medo? Acho que a maioria das pessoas são muito novas quando descobrem sua sexualidade e vivem esse processo ao longo dos anos, eu vivi ao longo de dois meses muito intensos.

Ao mesmo tempo que queria viver esse relacionamento, tinha que arrumar a minha casa, minha vida, meu corpo e minha cabeça. Ela foi muito parceira, teve paciência de entender o meu processo e me dar espaço para me reconhecer e sentir quem eu sou no mundo. Foi bem intenso, muito rápido num curto período de tempo, mas tinha que ser, demorou pra ser, não poderia estar mais pronta pra viver isso. A minha vida melhorou num modo geral, todos os âmbitos da minha vida estavam empacados e depois que consegui me abrir foi como se tudo fluísse ao meu favor. Nada foi fácil, mas tudo fluiu porque acho que consegui entender meu lugar no mundo, despertou potenciais em mim que nem eu sabia.

Pra mim, amar uma mulher foi me encontrar. Não no sentido de que ela é a metade da minha laranja, mas no sentido de que foi saber quem eu sou. O amor dela me permitiu ser eu na minha totalidade. Amar uma mulher é me encontrar de alguma forma, ela colocou a minha vida no avesso e eu descobri que o avesso era o lado certo. Tudo fez sentido e eu mudei muito, ao mesmo

MINHA HISTÓRIA

tempo em que não mudei nada, continuei me vestindo como sempre e fazendo minhas doideiras no cabelo, mas me sentia muito diferente. A sensação que eu tinha era que eu era invisível e não me encaixava em lugar algum, um *Tetris* onde todas as peças são quadradas mas eu era redonda. Aí percebi que existe um *Tetris* pra coisas redondas também, enxerguei meu lugar no mundo.

Fico pensando em todos os meus 28 anos e na energia que eu gastava pra não pensar nisso e afundar no fundo da minha mente. A energia que gastava pra não ser quem eu era, e hoje essa energia consigo gastar com tantas outras coisas. A minha sexualidade teve um papel transformador na minha identidade. Se eu puder de alguma forma, com a minha história, ser luz na vida de alguém, ou ajudar quem está passando por esse momento, pra mim é gratificante. Por mais que eu tivesse pessoas LGBTQ+ ao meu redor, queria que em algum momento alguém falasse pra mim que estava tudo bem não me encaixar em lugar nenhum, eu só precisava encontrar o que eu queria e olhar pra dentro. E eu sempre tive muito medo de olhar pra dentro porque não queria encarar as minhas sombras e explorar a minha vulnerabilidade, quando eu entendi que ser vulnerável é ser humano, ficou tudo bem.

Eu aceitei a minha história. No início me julgava, pensava que estava descobrindo minha sexualidade com 28 anos. E está tudo bem, essa é a minha história! Quantas pessoas descobrem sua sexualidade aos 40, 50 anos? Isso reflete uma coisa da sociedade, hoje falamos muito mais sobre ser uma pessoa LGBTQ+, na minha infância e adolescência isso não era falado. O fato de eu ter me aceitado nessa idade reflete a minha criação, a comunidade que eu vivi e a minha família.

Às vezes penso que seria bom se eu tivesse me aberto antes, sinto que tô correndo contra o tempo, mas entendo que faz parte. Espero que as novas gerações não precisem passar por isso, que os assuntos de sexualidade, identidade e expressão de gênero se tornem uma conversa natural e seja mais simples para as pessoas entenderem.

MINHA HISTÓRIA



Me entender como uma mulher lésbica começou complexo. Sempre percebi que eu era assim, tinham vários sinais que hoje, quando paro pra pensar na minha vida desde a infância, eu fico "Entendi!". Acho que isso acontece com a maioria de nós.

Eu não gostava da palavra lésbica no início e falava para as pessoas que eu era gay, foi apenas depois que fui para a faculdade que comecei a me familiarizar um pouco mais com essa palavra e a conhecer outras pessoas que passavam pela mesma coisa e comecei a aceitar ela. Mas ainda achava o termo "sapatão" muito agressivo, só depois de um tempo refletindo que cheguei no auge do "Sou sapatão", hoje posso dizer que me entendo dessa maneira. Esse termo tem um peso muito maior, muitas vezes ele é usado como ofensa, então a partir do momento que reivindicamos essa palavra e nos identificamos dessa forma, viramos um corpo político. Ser sapatão e caminhoneira é outra coisa, quando me identifiquei assim foi outra sensação.

14 Sobre ter tido uma aversão à palavra lésbica no começo, é aquela história de "Tudo bem ser assim, mas não precisa ficar mostrando". Acho que é uma aversão à essência daquilo, sobre ser melhor ficar com uma palavra que nem é da nossa língua - gay - pois talvez seja um pouco menos agressiva. Foi um trabalho que precisei fazer dentro de mim mesma para compreender o que aquele termo significava e me desfazer dos meus próprios preconceitos, demorei muito para florescer essa parte dentro de mim.

Eu moro no interior de Minas Gerais. No interior as coisas são mais difíceis, a gente não tem nenhum tipo de representatividade em volta, ninguém conhece pessoas LGBTQ+ e todo mundo é muito conservador. Na escola eram todos iguais, eu fui levemente transgressora ao longo do ensino fundamental pois meu cabelo era mais curto. Tudo ser tão conservador e todos serem tão iguais, me impedia de aceitar minha sexualidade

SAPATÃO

e ter vontade de me expressar de uma forma que eu ainda não conhecia na época. Se você me falasse há uns anos atrás que eu iria cortar meu cabelo e usar roupas mais masculinas eu ia falar que você estava maluca, pois eu nunca via isso como uma possibilidade. Por isso tinha tanto receio em me assumir, tanto para mim mesma quanto para as pessoas.

Ir para a faculdade foi um divisor de águas nesse sentido. Além de viver minha sexualidade pude experimentar na performance de gênero, que era uma coisa muito distante pra mim.

Demorei até o terceiro ano do curso para contar para a minha mãe, é bem recente. Foi difícil no início, na época que contei ela me disse que meu pai não poderia saber pois ele ficaria machucado, mas depois de alguns meses ela mesma contou pra ele. Ele disse que já sabia e me amava do mesmo jeito. Foram situações difíceis na época, mas hoje está tudo bem, não tenho problema que as pessoas saibam que sou assim. Falo para a minha mãe que ela pode contar para todos e que não tem problema nenhum.

Hoje minha namorada frequenta minha casa e eu frequento a dela, passou todo o drama. Foi difícil, eu me perguntava o que estava fazendo de tão errado para minha mãe me tratar daquele jeito. E o problema não era eu, era o preconceito dela. Ela precisou de um tempo para entender e perceber que eu continuava sendo a mesma pessoa e isso não mudava nada, era só uma micro característica minha.

A parte política é muito forte e presente ao amar uma mulher.

Sempre vai existir o medo da reprovação, o receio de estarmos juntas em público e a vontade de mostrarmos para as pessoas que existimos. É uma conexão muito mais forte do que um homem e uma mulher, que é mais convencional, não é um sentimento que eles precisam atravessar montanhas para isso acontecer. Nosso amor precisa lutar por sua existência, ele não só existe.

SAPATÃO

15

MINHA
VERDADE
COM AMOR



A maior parte da minha vida me identifiquei como lésbica. Analisando, acredito que sempre tenha sido bissexual, mas faz apenas alguns anos que me entendo assim. Sempre achei que era lésbica, sempre defendi e falei sobre isso, principalmente por ser uma mulher jovem, feminista e ter minhas questões com homens e as coisas que eles fazem. Foi difícil pra mim, pra eu me assumir lésbica foi um turbilhão e quando isso já estava calmo eu me descobri bissexual e tive que me assumir de novo pra todo mundo, então todas as pessoas que já me conheciam de um jeito tiveram que entender que eu tinha descoberto que, na verdade, sou de outro.

Hoje eu consigo perceber, e a terapia me ajudou no processo, que sempre fui uma pessoa bissexual com tendências afetivas pra mulheres. Tive muitos problemas com homens, então tenho uma dificuldade em me ligar afetivamente à eles, mas eu sempre achei meninos bonitos e meninas bonitas. Foram essas minhas questões com o machismo que fizeram eu me identificar de outra forma.

Eu tive pais separados e vi muitas coisas acontecendo, o relacionamento deles não era abusivo mas tiveram questões, minha mãe ficou grávida de mim com 16 anos, eles se separaram quando eu era muito nova e eu via ela sofrendo muito. Minha família é basicamente formada por mulheres e sempre vi todas elas em relações frustradas. Então sei que velei muito a minha bissexualidade e tive dificuldade em me aproximar e ter uma relação afetiva com homens pois não confiei neles a minha vida inteira.

Meu irmão mais novo é gay. Ele era uma criança viada, aquela que gostava de colocar sapato de salto alto, então minha mãe sempre soube pois não tinha como não saber. Ela sempre me perguntava "Você é lésbica?" e eu falava que não, primeiro porque quando era muito nova ainda não tinha me descoberto, e depois porque tinha medo. Não sabia como iria falar aquilo, apesar de ela ter aceitado meu irmão muito bem.

Nessa época eu estava super apaixonada e saindo com uma menina, parece que nesse momento você ganha força e fala "Agora vai". Eu já estava mostrando alguns vídeos sobre o assunto e contextualizando tudo pra minha mãe, até que um dia ela estava saindo de casa e eu contei, ela disse que iríamos conversar depois mas eu imaginei que estaria tudo bem. No outro dia conversamos e foi o caos, ela falou que não aceitava, que meu irmão já era assim desde sempre e eu não, achou que era influência da cidade e dos meus amigos. Como eu sou a única filha mulher, ela tinha na cabeça que eu deveria ser uma projeção da vida que ela não teve, então ela queria que eu casasse, tivesse filhos, coisas que eu sempre deixei claro que nunca iria fazer, mas ela tinha expectativas.

O mais marcante pra mim foi o que aconteceu para eu decidir conversar com ela sobre a nossa relação. Durante um Natal alguns anos atrás, ela me falou algo homofóbico, eu já tinha me assumido nessa época e estávamos convivendo, mas sem conversar direito. Como sou muito intensa, nessa situação comecei a chorar, a surtar e decidi tomar remédios. Um irmão meu viu e todos ficaram preocupados. Foi nesse dia que minha mãe me agrediu, ela disse que eu não estava passando por nada disso, que estava exagerando e fazendo frescura. Por vários dias eu chorava o tempo inteiro e ficava muito estressada, por causa disso resolvi falar com ela sobre não conseguir viver naquela situação. Foi difícil, não queria cortar a relação com a minha família, mas também não merecia ser agredida fisicamente e verbalmente por amar mulheres. Todas as coisas que eu aprendi vieram por conta desse acontecimento, a pessoa que eu sou, que quer ser forte e não aceita desrespeito veio por esse momento.

Por isso fui pra terapia, tive muitos problemas psicológicos. Minha terapeuta me passava vários exercícios, ela falava comigo sobre o quanto eu era importante e como tinha que fazer coisas pra mim, sobre eu ser sincera com as pessoas e falar sobre a minha verdade

com amor. E se a pessoa não aceitasse, problema dela. Ela falava sobre me voltar para mim, mesmo que coisas ruins estivessem acontecendo externamente, pois eu sou a pessoa principal da minha vida. Nunca mais quero voltar a ser alguém que depende da aprovação dos outros para viver. As pessoas só precisam respeitar, e exigir respeito foi o que eu aprendi com essa experiência toda.

Eu sou uma pessoa muito família, sempre vivi para ajudar minha mãe e meus irmãos. Quando me assumi lésbica vi que eles não estavam pensando em mim como eu pensava neles, pois se fosse o contrário eu iria acolhê-los. Tenho isso muito forte depois dessa experiência, que é não deixar ninguém atrapalhar as minhas coisas, me desrespeitar ou me dizer o que fazer e quem eu sou. Eu sou a pessoa mais importante da minha vida e não vou abrir mão disso pra viver em função de nada e nem ninguém.

Apesar de ter tido essa relação com a minha mãe, não tenho mágoa nenhuma das coisas que aconteceram. Consigo entender que ela também estava passando pelo processo dela, ela teve uma filha muito nova e abdicou muitas coisas pra conseguir me dar educação. Ela tinha os problemas dela pra achar em algum momento que não fosse legal minha sexualidade. Mas desde que resolvi falar com ela com sinceridade, amor e força, respeitando a pessoa que ela era, ela me entendeu. Ela me inspira de várias formas, tenho certeza que sou a pessoa que sou hoje e tento fazer as coisas da melhor forma possível pois ela me educou para ser assim.

Ela é gentil, forte, consegue ser amável, educada e inteligente. Eu acho ela perfeita, mesmo com o que aconteceu, ela é uma inspiração pra mim e o tipo de pessoa que eu quero ser. Eu ainda tive a sorte de ter uma mãe que, pelo meu jeito afetuoso, me entendeu, mas tem pais que nem assim entendem. Hoje em dia imagino que não tinha como ela não me aceitar, ela sempre me educou com muito amor e me ensinou

a amar as pessoas, não consigo imaginar porque ela não aceitaria. Por isso entendo que no momento em que ela me ofendeu e não me aceitou era porque ela também estava passando por uma situação ruim. Consigo entender e respeitar pois foi o que ela me ensinou.

Hoje temos um relacionamento ótimo e ela entende a minha sexualidade. Fiquei com muito medo de me assumir bissexual, e pra minha surpresa foi tranquilo, como a gente já tinha passado por esse processo dela me entender e me respeitar antes, foi de boa com ela.

Mas não foi de boa com outras pessoas, tive poucos amigos que me apoiaram e falaram que estava tudo bem, a maioria falava que eu era lésbica. Passei por várias situações de bifobia, de pessoas falando que eu tinha mais privilégios por ser bissexual. Hoje sinto que de qualquer forma sou invisibilizada, pois estou em um relacionamento com um homem. Passei por várias coisas e o fato de estar namorando com ele não significa que eu não as tenha vivido, eu posso deixar de namorar amanhã e a minha sexualidade continua a mesma.

A relação com os amigos que me apoiaram foi essencial para eu passar esse momento que tive problemas com a minha família. Eles estavam comigo, me dando força e me ajudando. Todo mundo que passa por isso sabe o quão difícil e transformador é esse processo de se assumir. O ponto principal é você se entender, e é a parte mais difícil pois a sociedade inteira te fala que isso não é certo. Pra eu me entender e falar que sou lésbica ou bissexual era muito difícil, e como passamos por esse processo juntos eu nunca vou esquecer deles e eles nunca vão esquecer de mim.

Como passei por situações muito complicadas quando me assumi pela primeira vez, quando precisei me assumir bissexual eu falei *"Eu sou assim, me descobri assim e se amanhã quiser mudar e me entender de outra forma está tudo bem, as pessoas vão ter que me aceitar"*. Hoje em dia faço muita questão de falar isso em qualquer lugar e para qualquer pessoa.

EU SEI
QUE A
GENTE
NÃO É



Eu sempre ficava com alguns caras que achava muito bonitos, mas eles queriam fazer coisas que eu não queria. Um dia fui para uma festa e tinha uma garota lá, eu estava em outra cidade e longe da minha casa, então ninguém ia saber de nada, pedi pra ela ir no banheiro comigo e lá nos beijamos. Me senti muito mal, falei que isso era errado e saí. Isso se repetiu várias vezes, sempre pedia para as garotas irem pro banheiro comigo, não sei o que eu tinha, era uma questão de autoaceitação, a gente cresce com uma homofobia internalizada. Demorou pra primeira vez não ser no banheiro. Sinto muito pelas meninas que beijei, imagino o que elas podiam pensar, que eu tinha vergonha delas ou coisa do tipo, mas era algo muito meu. Eu me sentia muito acuada e com vergonha de me assumir para os meus amigos.

24

Um dia fui pra uma festa com umas amigas, fiquei com uma menina lá e "casei" com ela, depois disso nunca mais nos separamos, é minha namorada. Na época não ficava com ela na frente dos meus amigos porque não conseguia me assumir pra eles, demorei bastante até conseguir. Provavelmente poderia ter sido mais rápido se eu não tivesse certas vivências.

Durante meu ensino fundamental eu era muito amiga de umas garotas, até que nós mudamos de escola no ensino médio e quase todas elas beijaram meninas. Fui pra uma escola onde só focava em sobreviver, não pensava muito na vida, quando elas me contaram isso, no fundo pensei que poderia ter sido eu. Demorei um pouco para me aceitar por causa disso. Percebia sinais, pequenas coisas que quando você junta faz muito sentido, quando você pensa em algo tão profundamente que nem você consegue ouvir. Não lidava com isso, só tentava ignorar e achava que uma hora ia passar. Talvez pelo fato de ter muitas amigas héteros que faziam piadas de algumas coisas, eu me reafirmava hétero

EU SEI
QUE A
GENTE
NÃO
É

EU SEI
QUE A
GENTE
NÃO
É

o tempo todo pra comprovar alguma coisa pra alguém, que eu nem sei quem, era difícil. Quando me assumi, uma menina do ensino médio falou que sempre soube, é estranho, estava tão na cara e ninguém me falou. Algumas primas falaram que não parecia, não sei o que é parecer, quando você se assume as pessoas te dão rótulos que não são legais.

Quando você começa a assumir quem você é, você começa a perder as pessoas que não tem os mesmos valores, é bom porque você dá uma limpa na sua vida, mas é muito doloroso esse processo.

Quando falei pra minha mãe, ela achou que ia passar. Não passou. Demorei pra me assumir, mas hoje é de boa, minha namorada vem de Bauru e fica aqui em casa. Talvez seja tranquilo porque parecemos muito amigas, não ficamos muito próximas, não fazemos sinais de afeto, talvez porque eu tenha medo. Acho que é uma forma de autodefesa parecermos amigas, mas eu sei que a gente não é.

25

Ano passado, quando estava perto do meu aniversário, queria chamar ela pra vir pra cá e a casa surtou. Eu e meu irmão brigamos falando que não tinha nada a ver e que ela poderia vir, mas no final minha mãe brigou tanto comigo que desisti de chamar. Demorou um tempo, mas depois disso ela veio e eles a conheceram. Minha mãe tinha um pé atrás, ela perguntou pra uma amiga minha se ela achava que minha namorada gostava mesmo de mim. Ela tinha bastante receio ou talvez ciúmes, quando ela conheceu minha namorada melhorou, hoje está tudo bem. Meu pai tentava não falar na minha cara, mas minha mãe me contou que ele perguntava se era uma fase. É horrível ter que esconder isso, não queria esconder nada da minha família, por isso era tão ruim pra mim. Ter minha namorada aqui em casa é um privilégio muito grande, poder ser quem eu sou, não precisar esconder nada e fingir ser outra pessoa. É uma sensação libertadora.

EU
NÃO
TÔ
AQUI
À TOA



É complicado porque não tem uma chave de “Agora entendo isso e antes não entendia”, lembro de memórias da infância onde eu já entendia, mas não da mesma forma que hoje. Faz 6 ou 7 anos que consigo falar sobre isso para as pessoas mas falar pra mim mesma é um processo bem mais antigo, desde criança pensava sobre o que isso queria dizer, mas não sabia o que era. Pra mim era muito natural, achava que era uma questão de ter afeto por todas as pessoas, sem relação com o gênero. Quando entrei na adolescência que isso começou a ser um problema, ter o processo de me entender no sentido sexual e ter a pressão social das outras pessoas em relação a minha performance.

No ensino médio eu tive um pouco de trava com a questão do meu gênero, não queria me entender enquanto mulher. Não foi um processo do meu gênero em si, porque me reconheço como mulher, mas de não entender o que eu estava passando. Comecei a ler bastante sobre isso, o processo de se entender bissexual é um pouco complexo, tive que ler pra entender mais e comecei a conviver com pessoas assim.

Na república que moro eu conheci várias pessoas que se identificam dessa forma, começou a ficar mais claro onde eu estava e o que isso queria dizer pra mim como pessoa. Também comecei a me sentir um pouco mais livre pra falar sobre isso quando adquiri um pouco de maturidade financeira, saí de casa e me senti capaz de falar sem me reprimir ou me sentir culpada, sem ter o risco de perder minha mãe, minha casa e minhas coisas.

Comecei a entender o que era enquanto nome e posicionamento social e a enxergar as relações do mesmo sexo como uma questão afetiva. Por conta de toda a bagagem de preconceitos que criamos desde a infância em relação a isso, antes eu achava que relações com o mesmo sexo eram promíscuas, eu tinha relações que eram triviais. Depois da faculdade comecei a aceitar que eu podia me relacionar romanticamente e que isso não era errado. Nesse sentido, foi um processo legal com os

EU NÃO TÔ
AQUI À TOA

meus amigos, de poder ter o acolhimento de pessoas que me entendem e querem conversar sobre esse assunto sem medo. Tinha muita necessidade de falar sobre isso quando era adolescente e o máximo que fazia era estudar na internet, me fez muita falta ter um grupo de amigos que fossem também.

Tem pessoas que são muito corajosas desde cedo. Quando falavam da minha sexualidade eu não aceitava, não queria que fosse verdade. Acho que isso é o pior do processo, quando você não quer assumir pra si mesma.

O mais importante pra mim foi falar para a minha mãe. Foi o mais difícil, não sabia como era ou por onde começar, só senti essa capacidade quando tinha maturidade. Ela não recebeu muito bem de início, por uma questão de medo da sociedade e de eu ser julgada ou passar por problemas. Mas aos poucos essa conversa se naturalizou e não virou um trauma pra mim, sou coberta de privilégios de poder estar em uma família que me ama.

A primeira reação dela foi perguntar por que eu era assim, é uma pergunta que nem a gente sabe responder. Eu disse que não estava fazendo nada de errado, que era uma coisa natural e que outras pessoas passam por isso. Minha mãe também tem algumas questões com a própria sexualidade, ela passou muitos anos da vida sem sentir atração física por outras pessoas. Conversamos sobre isso, falei que ela podia ter se casado por uma heterossexualidade compulsória e o que isso significava, incitei um pouco de conversa pra ela entender que a gente vive num espectro e qualquer pessoa pode sentir atração por mais de um gênero, isso não é uma questão da sexualidade em si.

Eu já era bem adulta, já sabia como e o que falar. Se eu tivesse feito isso na adolescência, tenho certeza que não teria saído da mesma forma e teria me sentido muito mais insegura. Acho que temos que ter um amadurecimento dessa ideia, nos sentirmos um pouco mais prontos pra não ser algo pesado e tentar ter empatia pela outra pessoa.

EU NÃO TÔ
AQUI À TOA

Foi o momento que me senti mais pronta mas nunca me senti pronta de verdade. Falei pra ela que não me identificava como uma pessoa heterossexual, não consegui falar a palavra bissexual porque era complexa demais, e ela me perguntou se isso queria dizer que eu ficaria bem, foi uma reação de preocupação. Por mais que não fosse natural pra ela, ela buscou entender, é o processo mais incrível que as mães podem fazer, de se colocar no lugar do filho e querer saber por que isso é importante pra ele, como ela pode ajudar, respeitar e não agredir-lo com suas inseguranças.

Chorei, não dá pra não chorar, e agradei a ela por estar me ouvindo, me aceitando e tentando me entender. Ela falou que não sabia se conseguiria entender de cara e talvez precisássemos falar disso outro dia, eu disse que teríamos tempo pra passar por isso. Eu tenho uma mãe feminista, até por isso foi possível pra ela entender o LGBTQ+, as mulheres já estão em uma posição de enfrentamento e quando elas veem outras lutas conseguem entender um pouco mais. Não é toda mulher, mas ser uma mulher já nos possibilita a entender outras causas.

Eu me sentia uma pessoa muito mais feia, desengonçada, sem espaço no mundo porque não sabia quem era e o que tinha de errado comigo, sempre nesse sentido de buscar alguma coisa errada. Quando entendi que não é errado, estranho ou incomum e abracei isso, me senti muito melhor comigo mesma. Liberdade tem a ver com olhar pra realidade e se ver dentro dela, mas não presa, amarrada ou impossibilitada, eu senti muitas possibilidades se abrindo pra mim.

Você pode conversar com quem quiser, pode ir ao lugar que quiser, as pessoas não vão gostar de você e não é só por isso, foi uma coisa legal de entender. Antes de eu aceitar pra mim mesma achava que tudo era por isso, que alguém não gostava de mim por causa disso, me sentia como uma pessoa incompleta. Depois, comecei a ter defeitos, qualidades e porquês, expliquei várias coisas pra mim mesma, me senti mais livre de amarras

EU NÃO TÔ
AQUI À TOA

feitos, qualidades e porquês, expliquei várias coisas pra mim mesma, me senti mais livre de amarras

sociais. Comecei a gerar minha própria opinião sobre mim. Minha vida não é um fracasso por causa disso, minha vida é boa por causa disso, posso conhecer uma mulher incrível, casar com ela e isso não vai fazer de mim uma pessoa menos feliz. Comecei a ver possibilidades, antes tudo que envolvia isso era uma amarra.

Pra mim, a principal diferença na relação com homens e mulheres é ter alguém que me entende melhor. A mulher sempre vai me entender melhor, então essa troca talvez seja um pouco mais profunda. As mulheres aprendem desde pequenas a serem livres, a amar e não terem medo de dizer "Eu te amo", é muito bom estar com alguém que aprendeu a ser livre pro afeto. Não tem um padrão, o hétero foi construído com várias histórias e filmes, então já existe um imaginário do que vai acontecer, quando eu me relaciono com uma mulher consigo ver isso de uma forma mais fluida, não tem um roteiro, nem uma forma correta ou errada de agir.

Meu pai faleceu recentemente e não cheguei a falar pra ele, me machuca pensar que não conseguimos adquirir maturidade pra chegar nesse ponto. Estou me reconectando com muitas coisas em relação a isso, foi muito importante pro meu desenvolvimento a noção que ele criou em mim de que eu sou importante. Ele sempre me falava isso, me gerou autoestima pra ter coragem de lidar com situações que achava impossíveis e construiu essa questão de que é importante o que eu tenho pra dizer e as pessoas precisam me respeitar por que eu tenho direito de viver isso. Tenho o direito de ir além com o que eu estou vivendo e experimentando. Isso me fez ser uma pessoa melhor em muitos aspectos pois eu sentia que merecia espaço nos lugares. Ele me ensinou muito sobre a descoberta de mim mesma, tem muitas vezes que achamos que somos insignificantes e ninguém nos fala que somos importante, mas quando conseguimos falar isso pra nós mesmas, conseguimos avançar nas coisas.

Eu tenho importância, eu tenho valor, eu não tô aqui à toa.

MELHORES
AMIGAS



Antes eu achava que era bissexual. Teve uma festa que fiquei com um menino, não era ruim, mas enquanto estava beijando ele, na minha cabeça passava a imagem de uma câmera nos filmando e eu estava de olhos abertos pensando "O que estou fazendo aqui?". Inventei uma desculpa para sair de perto e fui com uma amiga pro banheiro, comecei a chorar e falar "Acho que sou lésbica".

Na escola não me interessava por ninguém, achava os meninos idiotas e nem gostava de ser muito amiga deles, sempre me senti muito mais confortável perto de outras meninas. Achava que era normal não me interessar por ninguém e não me forçava a nada porque eu odiava todos os meninos. Não me achava diferente, pensava que era só um momento. Foi no colegial que comecei a assistir séries e ver casais LGBTQ+ com uma boa representatividade, ver isso e me identificar acho que foi o que fez eu começar a olhar aquelas pessoas e pensar "Será que posso viver isso também?". Pra mim foi fácil me aceitar, foi até uma explicação pra minha vida inteira.

Pra minhas amigas foi natural comentar, todo mundo sempre foi super de boa, não foi algo difícil ou que fiquei nervosa, na faculdade nem precisei falar nada. Acho que a família importa, mas os amigos importam mais. Pra minha família não me importo de não contar sobre minha vida, mas meus amigos têm que me ouvir, então eles precisam saber. O principal é ter alguém que me apoia e que eu possa apoiar a pessoa, que a gente possa sempre conversar sobre coisas da nossa vida ou estar presente no dia a dia. Pra mim, em um relacionamento no geral, o importante é quando tenho alguém que posso contar.

Contar pros meus pais foi um surto onde falei que era bi. Falei pra minha mãe e foi difícil pra ela digerir. Ao longo dos anos a gente não fala sobre, mas teve momentos que brigamos por

MELHORES AMIGAS

causa disso, dela achar que sou influenciada pelas outras pessoas ou que é culpada de algo. Já falei pra ela que não tem nada a ver, que essa sou eu. Hoje em dia não falamos mais, desde que a gente não esteja discutindo, está ótimo.

MELHORES AMIGAS

Pros meus irmãos foi mais de boa, eles não ligam muito. Pra minha irmã eu só falei que estava gostando de uma pessoa, não falei "Eu sou tal coisa". Estava planejando na minha cabeça que precisava muito falar com alguém, fiquei dias pensando, até uma noite em que ela foi me buscar na faculdade e eu contei que conheci uma pessoa e iria sair com ela. Foi numa boa. Durante um tempo foi um pouco desconfortável, as duas ficavam meio nervosas de falar sobre isso e na época ela não me contava muito sobre a vida dela, mas agora me sinto muito melhor de compartilhar as coisas com ela.

Somos muito próximas, ela me dá bons conselhos e é bom ter ela por perto pra me ouvir, somos melhores amigas. Quando ela não está trabalhando ou ocupada nós estamos juntas, fazendo comida ou assistindo um filme, qualquer coisa, o tempo todo estamos juntas. Como eu não posso contar nada pra minha mãe, às vezes tô mal e falo pra ela que algo aconteceu, ela sempre tem um conselho que melhora. Ela é muito meu exemplo do que eu quero ser, de certa forma ter ela pra me inspirar e me ajudar é muito bom. Uma vez ela estava voltando de São Paulo e fui com a minha mãe buscar ela na rodoviária, não lembro porquê, mas eu e minha mãe começamos a discutir no carro, não faço ideia de como chegou nesse assunto - de discutirmos sobre eu ser lésbica. Eu estava bem triste e chorando, quando minha irmã entrou no carro ela perguntou o que estava acontecendo e eu e minha mãe falamos um monte. Ela deu uma super bronca na minha mãe e falou tudo o que eu queria falar, ela realmente estava ali por mim e pra me defender. Foi muito importante pra mim.

ELA JÁ
SABIA



Eu vim de uma cidade do interior, só descobri que meninas podiam ficar com outras meninas quando estava no ensino médio. Foi totalmente um choque pra mim, sempre aprendi que tinha que gostar de garotos, até tive relacionamentos mesmo não sentindo muita atração.

Em 2018, por um tempo, falei que era bi, mas achava que não era aquilo, que eu estava tentando usar o bi para talvez não deixar uma coisa tão explícita em mim, por ter vergonha de falar que gosto só de mulheres. Achava que se eu fosse bi teria uma parte minha que seria mais aceitável para as outras pessoas. Mas não estava me sentindo bem, não estava feliz com isso e decidi falar que sou sapatão, quando disse isso foram os anos mais felizes da minha vida. Uma amiga me disse que desde que me assumi eu estava muito mais feliz e mais confortável comigo mesma.

Foi um processo tumultuoso pra mim na questão do exterior, do que as pessoas viam de mim. Quando me entendi como lésbica eu queria performar o que eu entendia de mulher lésbica, queria ter cabelo curto e usar roupas que eram ditas como mais masculinas. Me comportava de um jeito que eu pensava que as pessoas iriam olhar para mim e dizer que eu era sapatão, queria ser vista e entendida. Não odeio essa parte do que eu vivi, mas hoje sinto que não era eu, que eu estava performando uma coisa que não era do meu agrado, do estilo de cabelo ou de roupa, não era o que eu queria. Cresci pensando que gosto de coisas bem femininas, como as pessoas falam, de passar maquiagem e ter cabelo longo. Hoje entendo que isso não faz diferença nenhuma na minha sexualidade, mas demorei muito tempo pra entender isso.

ELA JÁ
SABIA

Teve o momento que compartilhei com a minha família, minha avó e minha mãe, e quando isso aconteceu eu meio que fui tirada do armário.

Minha avó percebeu que eu estava meio chateada, tinha levado um pé na bunda naquela época e falava que estava triste porque uma pessoa tinha me dispensado, ela ligou os pontos e percebeu que essa pessoa era uma menina. Assim, ela descobriu e contou pra minha mãe, e apesar da minha mãe ser uma pessoa bem nova, ela reagiu muito mal. Ela não foi tão má, mas não concordou, não apoiou, falou que era uma fase e que eu não tinha conhecido o cara certo, que Deus não aprova isso. Eu disse pra ela que sentia muito, mas era assim que era e assim que ia ser, não ia mudar, é assim que eu sou. A minha avó por outro lado aceitou muito bem, fiquei surpresa com isso porque ela é uma pessoa de mais idade. Ela me acolheu muito bem, me apoiava e conversava sobre isso comigo, ela sempre foi meu porto seguro sobre essas questões, sempre pude ser muito aberta com ela pra falar sobre essas coisas. Ela era a pessoa que eu apresentava meninas e sempre perguntava o que ela achava.

Eu fui criada na casa dela, cresci com ela sempre estando ali pra mim. Ela pode não entender certas coisas, mas sempre vai me ouvir e estar disposta a me escutar e tentar me entender. Sinto que ela é uma das únicas pessoas que eu consigo conversar da minha família de fato, ela confia em mim e eu confio nela.

Às vezes estamos dentro de uma família onde pensamos que temos que confiar e amar todo mundo, mas pra mim não é assim, uma relação familiar precisa ter troca. E eu sinto essa troca muito presente com ela. Na minha família tem essa questão de "mãe que cria e sabe o que tem que fazer", então no começo minha avó não interviu nesse assunto, mas eu sinto que de um tempo pra cá ela vem conversando muito com a minha mãe, com certeza ela deve ter falado sobre eu estar mais feliz. Eu esperava tanto que minha mãe fosse ser mais

ELA JÁ
SABIA

compreensiva e foi totalmente o contrário, a minha avó foi muito mais compreensiva e minha mãe foi muito cabeça fechada. Ela não estava aberta a discutir e falar sobre isso, já a minha avó estava totalmente disposta, parecia que ela já sabia. Eu sinto que ela já sabia.

Como eu vivi muito mais tempo com ela do que com a minha mãe, sinto que não foi um choque e ela conseguiu lidar com essa situação com mais naturalidade.

Quando eu me assumi eu meio que extrapolei, vestia as roupas que queria, brigava e sabia que algumas pessoas da família não estavam gostando mas ia fazer mesmo assim. Fui aquela adolescente rebelde que quer colocar na cabeça dos pais que o que ela faz está certo, sinto que errei um pouco em forçar essa situação. No começo falaram que era só uma fase e ia passar, quando eles perceberam que haviam passado anos da minha vida e eu não tinha mudado, aí viram que era diferente e tinham que aprender a lidar com isso e conversar comigo do jeito que eu sou. Hoje a aceitação é muito boa, não falo sobre isso muito abertamente porque não me sinto confortável, mas sei que sou bem-vinda e qualquer mulher que eu levar para casa vai ser também.

Quando me mudei para Bauru, me permiti abrir mais espaço para as coisas que eu gosto. Conheci pessoas diferentes e mulheres LGBTQ+ que estavam fora do meu ciclo social, pude ver elas e entender que existe uma pluralidade de mulheres, que todas são de um jeito diferente e nenhuma precisa performar dentro de um padrão. Aos poucos fui inserindo na minha vida as coisas que eu gosto - roupas, maquiagens, estilo de cabelo - e fui achando um espacinho que eu gosto. No momento que entrei na faculdade, que olhei para as pessoas ao meu entorno e para as pessoas que moram comigo, pensei que não ia mais precisar ficar escondendo quem eu sou, não

ELA JÁ
SABIA

40

ia precisar me moldar ou tentar me deixar o menos gay possível.

Na casa dos meus avós eu sou muito bem aceita mas tem coisas que prefiro não fazer, músicas que não escuto lá, coisas que não assisto e não falo. E aqui eu não ligo pra quem vai estar do meu lado ouvindo ou assistindo qualquer coisa.

Eu moro numa casa com sete pessoas e todo mundo têm seus pézinhos dentro do LGBTQ+. Somos super amigos, sempre conversamos e debatemos sobre assuntos de sexualidade e gênero. Antes, eu tinha um conhecimento sobre o que era ser LGBTQ+ e depois que vim para cá tive outras descobertas, outras visões e aprendi muito. Estava vivendo uma fase muito difícil antes de chegar em Bauru, então quando eu pude vir para cá foi um alívio tão grande ter essas pessoas do meu lado. Pessoas que me entendem, compartilham as dores, as alegrias e até a forma de falar.

Quando começou a pandemia, ficávamos juntos em casa desde a hora de acordar até a hora de dormir, nos tornamos muito mais próximos. Nessa época eu estava tendo algumas dúvidas sobre se eu era realmente lésbica ou bissexual, acho que é sempre bom refletirmos a nossa sexualidade, uma das coisas que aprendi com eles é que sexualidade é uma coisa bem fluida. Estamos sempre nos questionando e tentando entender que nossos gostos podem ou não mudar. Quando entendi isso, passei a analisar algumas questões internas e perceber melhor quem eu sou, tive um novo processo de questionar a minha sexualidade, é como se fossem várias metamorfoses.

Com essas análises entendi que realmente sou sapatão, mas foi muito bom ter passado de novo por isso porque eu me reafirmei, me encontrei num novo lugar onde realmente tenho mais certeza e sinto uma firmeza maior.

ELA JÁ
SABIA

41



Eu cresci em um ambiente evangélico, esse ambiente em si é muito pautado em uma ideia de segregação: você é a luz e o céu do mundo, então você é mais especial em algum nível por estar ali. Quando eu era menor, eu era a única evangélica da turma, então pra mim isso já era uma coisa diferente, ainda mais pelo fato de que eu sempre levei a religião bastante a sério.

Em alguns aspectos, eu tive sorte de ter uma família tranquila, muita gente relaciona gostos de criança com sexualidade e com isso nunca tive problemas, eu tinha uma base familiar que estava tranquila com os meus gostos. Na sociedade isso começou a ser batido, só que eu não olhava como um problema em si, nunca foi uma dor como pra algumas pessoas que eu conheço foram. Como eu era uma cristã bem praticante, não passava pela cabeça das pessoas a possibilidade de eu gostar de meninas.

44 Lidar comigo mesma foi bem difícil. Para mim, a minha sexualidade era muito errado, um grande pecado, foi um período que eu entrei em depressão. O que me ajudou nesse processo inteiro foi ter estudado sobre, muitas pessoas saem do armário tendo experiências, eu saí estudando, lendo e pesquisando um monte de coisa, foi difícil lidar internamente, minha família foi um ponto bem complicado, mas minha maior inimiga era eu mesma.

Eu vim de uma família evangélica, as pregações no geral tendem a colocar a sexualidade como uma identificação do mal e isso não é uma coisa discutida. Desde pequena fui colocada à essas falas, por isso foi conflitante comigo mesma, eu levava tudo aquilo muito a sério. Era muito sincero e muito real, então achava que eu estava fazendo uma coisa horrível.

Comecei a perceber que minha sexualidade era algo que não condizia com o que eu ouvia na igreja. Eu ouvia as pregações e pensava que ia me libertar, que o demônio estava me tentando, mas quando eu comecei a me envolver com uma menina pela

AMOR

primeira vez no ensino médio, eu vi que tinha alguma coisa que não fazia sentido, porque aquele era um sentimento muito puro. Depois dessas experiências consegui perceber que tinha alguma coisa errada, viver aquilo era algo que me deixava mais feliz, a infelicidade vinha apenas pela culpa de estar sentindo.

A tristeza e toda a dor eram geradas pelo externo, mas eu só fui perceber isso depois, foi quando comecei a estudar.

45 Todo esse processo, principalmente no começo, foi muito regado de coração, lembro de todas as vezes que eu ajoelhava e orava, pedindo pra Deus me guiar sobre aquele caminho, porque eu queria saber o que estava acontecendo. Tive contato com muito conteúdo e percebi que muitas pessoas no meio, principalmente evangélico, gostavam de discutir sobre o assunto sem saber do que estavam falando, era uma estrutura de preconceito real. Então comecei a dar mais razão para os meus sentimentos e a me permitir viver aquilo um pouco mais.

Foi quando comecei a ter contato com o outro lado da moeda, consegui perceber que o que eu sentia fazia mais lógica. Tinha passado por todo o caos da igreja para então pensar "*Hoje eu amo e não é um mal*". Naquele momento eu estava passando por várias tensões na família, um dia minha mãe me perguntou o que eu sentia por mulheres, fiquei um tempão calada, travada, e depois falei o que era: amor.

Se eu não tivesse passado pelo processo de compreender dentro de mim mesma o que aquilo significava, eu estaria até hoje me culpando por ter esse sentimento. Amar uma mulher é uma coisa linda. Pra mim é mágico, aprendi a ver muita beleza nisso. Também tem o lado político, nós somos mulheres que foram invisibilizadas durante séculos. É poder achar esse caminho lindo e ainda lutar a partir dele. E toda vez que eu estiver com uma mulher eu vou estar existindo, nós podemos existir, podemos estar nesse mundo e nessa realidade e não vai ter ninguém pra falar que respeita, mas não nos aceita.

AMOR

Bianca Victorino

2022

Trabalho de conclusão de curso

Unesp - Universidade Estadual Paulista

"Júlio de Mesquita Filho"

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Termino esse trabalho com a sensação de dever cumprido. Não apenas por estar encerrando esse ciclo de graduação, mas porque sinto que consegui entregar aquilo que propus no início e estou orgulhosa do resultado final - mesmo com as adversidades no caminho. Sei que nenhum projeto é perfeito, acredito que no futuro, sempre que revisita-lo vou ter algum ajuste a fazer. Mas isso faz parte do processo e do meu amadurecimento enquanto pessoa, mulher e designer.

A vontade de fazer com que mulheres LGBTQ+ se sentissem representadas também foi cumprida. Todas as participantes que leram suas histórias dentro da estrutura final ficaram felizes com o resultado, e algumas me agradeceram por lembrá-las desses momentos que viveram e por descrevê-las de maneira sensível. Todas essas mensagens já fizeram com que essa jornada tenha valido a pena.

BOOKS

VHHA HISTÓRIA

SAPATA



o foi muito mais nada. Ela não estava que ela já sabia. Na casa dos meus avós estava totalmente que ela já sabia. Na casa dos meus avós estava totalmente que ela já sabia. Na casa dos meus avós estava totalmente que ela já sabia.

ia precisar me tr... Na casa dos meus avós estava totalmente que ela já sabia. Na casa dos meus avós estava totalmente que ela já sabia. Na casa dos meus avós estava totalmente que ela já sabia.

28 É complicado porque não tem uma chave de "Agora entendo isso e antes não entendia", lembro de memórias da infância onde eu já entendia, mas não da mesma forma que hoje. Faz 6 ou 7 anos que consigo falar sobre isso para as pessoas mas falar pra mim mesma é um processo bem mais antigo, desde criança pensava sobre o que isso queria dizer, mas não sabia o que era. Pra mim era muito natural, achava que era uma questão de ter afeto por todas as pessoas, sem relação com o gênero. Quando entrei na adolescência que isso começou a ser um problema, ter o processo de me entender no sentido sexual e ter a pressão social das outras pessoas em relação a minha performance. No ensino médio eu tive um pouco de trava com a questão do meu gênero, não queria me entender enquanto mulher. Não foi um processo do meu gênero em si, porque me reconheço como mulher, mas de não entender o que eu estava passando. Comecei a ler bastante sobre isso, o processo de se entender bissexual é um pouco complexo, tive que ler pra entender mais e comecei a conviver com pessoas assim. Na república que moro eu conheci várias pessoas que se identificam dessa forma, começou a ficar mais claro onde eu estava e o que isso queria dizer pra mim como pessoa. Também comecei a me sentir um pouco mais livre pra falar sobre isso quando adquiri um pouco de maturidade financeira, saí de casa e me senti capaz de falar sem me reprimir ou me sentir culpada, sem ter o risco de perder minha mãe, minha casa e minhas coisas. Comecei a entender o que era enquanto nome e posicionamento social e a enxergar as relações do mesmo sexo como uma questão afetiva. Por conta de toda a bagagem de preconceitos que criamos desde a infância em relação a isso, antes eu achava que relações que eram triviais. Depois eu achava que relações que eram triviais. Depois eu achava que relações que eram triviais. Depois eu achava que relações que eram triviais.

EU NÃO TÔ AQUI À TOA

com amor. E se a pessoa não aceitasse, problema meu. Eu não quero voltar para mim, mesmo que coisas ruins estivessem externamente, pois eu sou a pessoa principal da minha vida para viver. As pessoas só precisam respeitar, e exigir respeito foi o que eu aprendi com essa experiência toda. Eu sou uma pessoa muito família, sempre vivi para ajudar minha mãe e meus irmãos. Quando me assumi lésbica vi que eles não estavam pensando em mim como eu pensava neles, pois se fosse o contrário eu iria acolhê-los. Tenho isso muito forte depois dessa experiência, que é não deixar ninguém atrapalhar as minhas coisas, me desrespeitar ou me dizer o que fazer e quem eu sou. Eu sou a pessoa mais importante da minha vida e não vou abrir mão disso pra viver em função de nada e nem ninguém.

MINHA VERDADE COM AMOR

Apesar de ter tido essa relação com a minha mãe, não tenho mágoa nenhuma das coisas que aconteceram. Consigo entender que ela também estava passando pelo processo dela, ela teve uma filha muito nova e abdicou muitas coisas pra conseguir me dar educação. Ela tinha os problemas dela pra achar em algum momento que não fosse legal minha sexualidade. Mas desde que resolvi falar com ela com sinceridade, amor e força, respeitando a pessoa que ela era, ela me entendeu. Ela me inspira de várias formas, tenho certeza que sou a pessoa que sou pra ela perfeita, mesmo com o que aconteceu, ela me entendeu. Ela me educou para ser assim. Ela é gentil, forte, consegue ser amável, educada e inteligente. Eu acho ela perfeita, mesmo com o que aconteceu, ela me entendeu. Ela me inspira de várias formas, tenho certeza que sou a pessoa que sou pra mim e o tipo de pessoa que eu quero ser. Eu ainda tive a sorte de ter uma mãe que, pelo meu jeito afetuoso, me entendeu, mas tem pais que nem assim entendem. Hoje em dia imagino que não tinha como ela não me aceitar, ela sempre me educou com muito amor e me ensinou a ser quem eu sou.

que me falava que eu de pessoas falando q... sexual. Hoje sinto que de várias coisas e o fato de estar namorando pois estou em um relacionamento que me apoiam foi essencial. A relação com os amigos que me apoiaram foi essencial para eu passar esse momento que tive problemas com a minha família. Eles estavam comigo, me dando força e me ajudando. Todo mundo que passa por isso sabe o quanto principal é você se entender, e é a parte mais difícil pois a sociedade inteira te fala que isso não é certo. Pra eu me entender e falar que sou lésbica ou bissexual era muito difícil, e como passamos por esse processo juntos eu nunca vou esquecer deles e eles nunca vão esquecer de mim. Como passei por situações muito complicadas quando me assumi pela primeira vez, quando precisei me assumir bissexual eu falei "Eu sou assim, me descobri assim e se amanhã quiser mudar e me entender de outra forma está tudo bem, as pessoas vão ter que me aceitar". Hoje em dia faço muita questão de falar isso em qualquer lugar e para qualquer pessoa.

que me falava que eu de pessoas falando q... sexual. Hoje sinto que de várias coisas e o fato de estar namorando pois estou em um relacionamento que me apoiam foi essencial. A relação com os amigos que me apoiaram foi essencial para eu passar esse momento que tive problemas com a minha família. Eles estavam comigo, me dando força e me ajudando. Todo mundo que passa por isso sabe o quanto principal é você se entender, e é a parte mais difícil pois a sociedade inteira te fala que isso não é certo. Pra eu me entender e falar que sou lésbica ou bissexual era muito difícil, e como passamos por esse processo juntos eu nunca vou esquecer deles e eles nunca vão esquecer de mim. Como passei por situações muito complicadas quando me assumi pela primeira vez, quando precisei me assumir bissexual eu falei "Eu sou assim, me descobri assim e se amanhã quiser mudar e me entender de outra forma está tudo bem, as pessoas vão ter que me aceitar". Hoje em dia faço muita questão de falar isso em qualquer lugar e para qualquer pessoa.

LISTA DE IMAGENS

Figura A: “Etérea”. Karen Uehara. 2020.

Fonte: <https://www.behance.net/gallery/100327101/Etre-a-antologia-ilustrada>

Figura B: “O canto”. Luiz Mello. 2021.

Fonte: <https://www.behance.net/gallery/122459971/o-canto-volume-1>

Figura C: “Amora”. Natalia Borges Polesso. 2015.

Fonte: <https://dublinense.com.br/livros/amora/>

Figura D: “Risíveis Amores”. Elson Morais. 2020.

Fonte: <https://www.behance.net/gallery/91165711/Risiveis-Amores-Editorial>

Figuras E, F: “The Lobster”. Vasilis Marmatakis. 2015.

Fonte: <https://fontsinuse.com/uses/12554/the-lobster-movie-posters>

Figura G: Rozenn Le Gall.

Fonte: <https://www.rozennlegallcollages.com/colours>

Figura H: Louis Bowes.

Fonte: <https://www.louisbowes.com/>

Figura I: Cristiana Couceiro.

Fonte: <https://cristianacouceiro.com/>

Figura H: Gina Gimenez. 2021.

Fonte: <https://www.instagram.com/ginagimenez/>

Figura K: “Math on a mission”. Israel García Vargas. 2020

Fonte: <https://www.behance.net/gallery/103101675/Math-on-a-Mission-USC-Trojan-Family>

LIVRO

MOCKUPS

Páginas 20, 31, 32, 33: yeven_popov. Freepik.

Fonte: <https://www.freepik.com/psd/mockup> Mockup psd created by yeven_popov - www.freepik.com

Páginas 5, 33-55, 57, 58: yeven_popov. Freepik.

Fonte: <https://www.freepik.com/psd/mockup> Mockup psd created by yeven_popov - www.freepik.com

ACERVO PESSOAL

Página 30: Impressão. 2022.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS/PUBLICAÇÕES

FIGUEIREDO, Ivanilda; VARON, Joana. **Visibilidade Sapatão Nas Redes: Entre Violência e Solidariedade**. São Paulo: Coding Rights, 2020.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto; ARÁN, Márcia. **O lugar da experiência afetiva na gênese dos processos de subjetivação**. São Paulo: Psicologia USP, 2011.

UEHARA, Karen Assay. **Etérea**. Trabalho de conclusão de curso. Unesp - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Bauru, 2019.

MELLO, Luiz. **O canto**. Trabalho de conclusão de curso. Unesp - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Bauru, 2019.

GOMES, Caroline Apolinário. **Mulheres no plural: novas constituições identitárias e suas relações com o design: sobre mulheres transexuais e travestis**. Dissertação de mestrado. Unesp - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Bauru, 2017.

POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: GG, 2013.

VÍDEO

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. TED, 2009. <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>

BIBLIOGRAFIA

SITES

Acessados durante os anos de 2021 e 2022.

“Como escritores LGBTs veem na literatura uma forma de combate ao preconceito”

<<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/como-escritores-lgbts-veem-a-literatura-como-forma-de-combate-ao-preconceito/>>

“Comunidade LGBTQIA+ tem baixa representatividade na mídia e publicidade”

<<https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2021/06/28/comunidade-lgbtqia-tem-baixa-representatividade-na-midia-e-publicidade.html>>

“Justiça veta censura homofóbica de Crivella na Bienal do Livro do Rio”

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/politica/1567794692_253126.html>

“LGBTQIA+ e Literatura: uma conversa sobre representatividade e representação”

<<https://www.sobreatatame.com/lgbtqia-e-literatura-sobre-representatividade-e-representacao/>>

“Risíveis Amores”. Projeto gráfico de Elson Morais. <<https://www.behance.net/gallery/91165711/Risiveis-Amores-Editorial>>

“Colagem digital para meios editoriais” <<https://www.domestika.org/pt/courses/438-colagem-digital-para-meios-editoriais>>

<<https://www.domestika.org/pt/courses/438-colagem-digital-para-meios-editoriais>>

Unsplash <<https://unsplash.com/>>

Pixabay <<https://pixabay.com/pt/>>

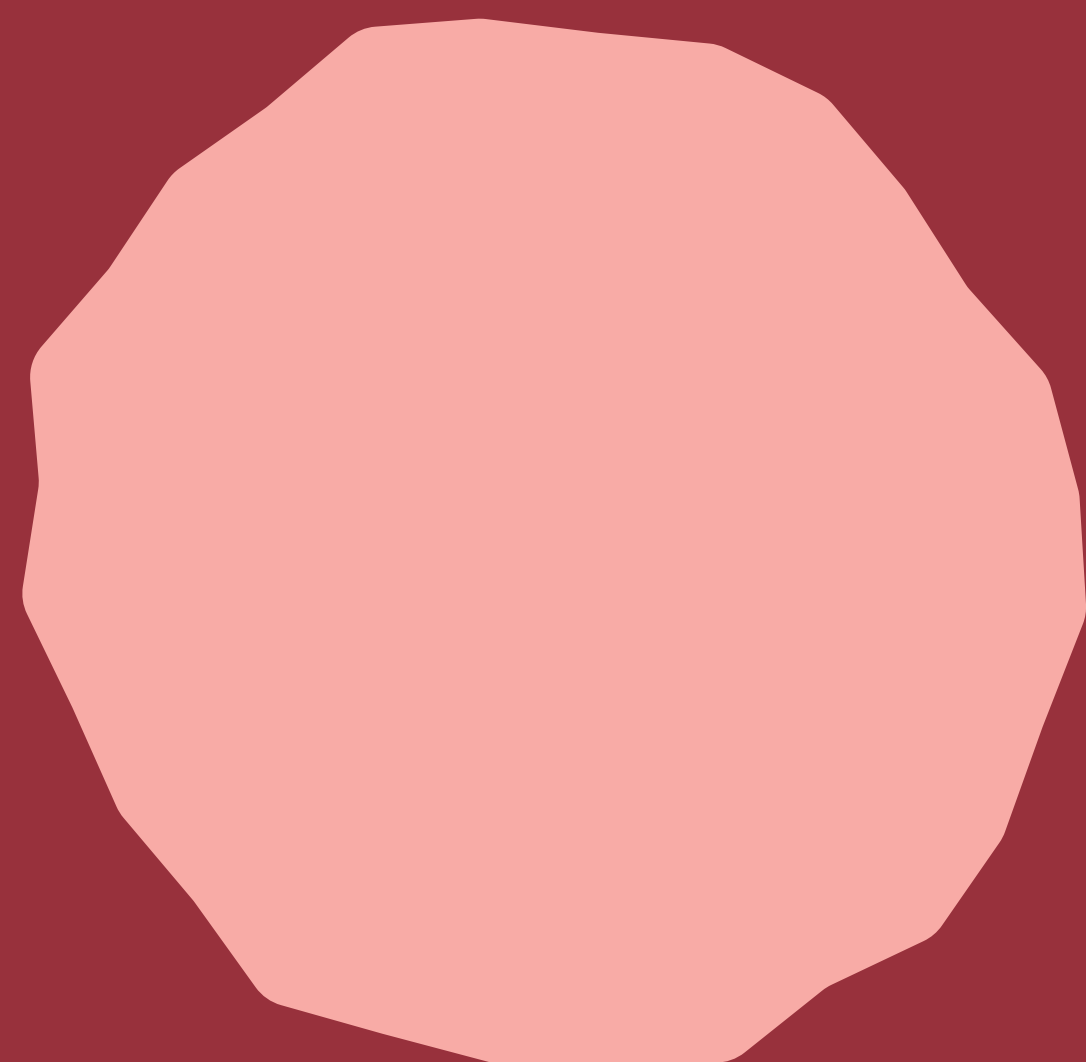
The Public Domain Review <<https://publicdomainreview.org/>>

The Getty: Museum <<https://www.getty.edu/art/collection/>>

Pexels <<https://www.pexels.com/pt-br/>>

“Vintage Collage Creator 750+ Assets”. Graphic Goods. <<https://creativemarket.com/GraphicGoods/5916310-Vintage-Collage-Creator-750-Assets>>

<<https://creativemarket.com/GraphicGoods/5916310-Vintage-Collage-Creator-750-Assets>>



RELATÓRIO DE PROJETO
2022

